



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

A PROSÓDIA NA INTERAÇÃO ENTRE AFÁSICOS

IZABELLY CORREIA DOS SANTOS

Recife
2012

IZABELLY CORREIA DOS SANTOS

A PROSÓDIA NA INTERAÇÃO ENTRE AFÁSICOS

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem, na linha de pesquisa Linguagem, Educação e Organização Soci-Cultural.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Marígia Ana de Moura Aguiar.

CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. Francisco Madeiro Bernardino Junior.

RECIFE
2012

S237p Santos, Izabelly Correia dos
A prosódia na interação entre afásicos / Izabelly
Correia dos Santos ; orientador Marígia Ana de Moura
Aguíar ; co-orientador Francisco Madeiro Bernardino
Junior, 2012.
81 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.
Mestrado em Ciências da Linguagem, 2012.

1. Afásicos - linguagem. 2. Interação social. 3. Afasia.
4. Análise prosódica. 5. Linguística. I. Título.

CDU 801

A PROSÓDIA NA INTERAÇÃO ENTRE AFÁSICOS

IZABELLY CORREIA DOS SANTOS

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: ___/___/2012

Banca Examinadora:

PROF^a DR^a MARÍLIA ANA DE MOURA AGUIAR
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Orientadora

ZULINA SOUZA DE LIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Examinadora Externa

PROF^o DR^a NADIA AZEVEDO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Examinador Interno

PROF^o DR^a MOAB ACIOLI
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Examinador Interno

RECIFE

2012

***Àqueles que sempre me
ofereceram a possibilidade de
crescer e realizar tantos sonhos:
Igor e Meri (meus pais).***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que plantou em mim um sonho que hoje se materializa.

Aos meus pais, que foram o instrumento para concretizar o precioso dom que recebi do universo: “a vida”.

Aos meus irmãos, *Mayanne e Itor*, por me cederem seus conselhos e respeito por minhas ausências.

Aos meus grandes amigos, *Manny, Rica, Elyne, Amanda, Paulinho, Eduardo, Luiz, Renata, Thomas, Suzy, Anessa, Rodrigo, Marcela, Chinês, Talita, Bruna, Fécica*, por me deixarem participar de suas vidas, por me apoiarem e incentivarem a correr atrás dos meus sonhos, ajudando a alcançá-los e, principalmente, por me fortalecerem. Amo vocês.

A *Aniele Feras*, por compartilhar do mesmo sonho e lutar junto comigo.

A *Arissa Petrus*, pelas leituras e sugestões.

A *José Antônio*, pela atenção nessa reta final e por me ajudar na construção do meu sonho.

Aos meus queridíssimos orientadores, *Marígia e Madeiro*, pelos seus inúmeros empréstimos, pela sua presença firme, suave, pela confiança e liberdade que me concederam para a pesquisa, pela paciência. Vocês são meu exemplo.

Às professoras *Wanilda e Adia*, pelos conselhos e conversas pelos corredores.

A todos os participantes do *Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco*, pela amizade, apoio, ensinamentos e confiança em nosso trabalho.

Muito obrigada.

O futuro não é o lugar para onde estamos indo, mas o lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído, e o ato de fazê-lo muda tanto a realidade quanto o destino.

John Schaar

RESUMO

A afasia é considerada uma redução e disfunção do uso da linguagem, em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, manifestando-se tanto no aspecto expressivo quanto no receptivo da linguagem oral e/ou escrita. Diante dessas características, o discurso dos sujeitos afásicos é objeto de estudo particularmente no que concerne os elementos prosódicos e entoacionais neles presentes. O pressuposto utilizado neste trabalho é de que as escolhas tonais, que vão sendo feitas ao longo da interação, são responsáveis pela construção de um contexto, e as opções de proeminências tonais vão construindo o sentido do texto simultaneamente. O contexto interativo sugere o reconhecimento de que o comportamento prosódico do falante constrói um contorno entoacional significativo, sendo interpretado pelo ouvinte como constitutivo de um conteúdo informacional, mas, ao mesmo tempo, pode veicular pistas com relação às marcas de interatividade, ao manter a proximidade/distanciamento entre os interlocutores, associadas a padrões típicos (*referring tones*) de referência ao conhecimento prévio compartilhado ou a informações novas (*proclaiming tones*). Este trabalho procurou identificar os padrões entoacionais e outros recursos prosódicos presentes na organização oral de sujeitos participantes do grupo de Convivência para Afásicos. A partir disso, foram observados quais os recursos prosódicos mais recorrentes, a utilização de outros recursos linguísticos e o papel das pistas entoacionais para a constituição do sentido. Para alcançar o objetivo proposto, foram realizadas oficinas de leitura com seis sujeitos afásicos, de ambos os gêneros, que participam e frequentam regularmente o Grupo de Convivência para Afásicos, da Universidade Católica de Pernambuco, durante quatro encontros. Os estudos para o tema apresentado fundamentaram-se em pesquisas sobre a organização do discurso oral do afásico, destacando a relação prosódica, a partir da perspectiva de Brazil (1985). Conclui-se que, ao longo do processo interacional, a prosódia esteve frequente na construção do discurso dos sujeitos analisados nesta pesquisa, que recorreram, constantemente, a recursos paralinguísticos e ao tom proclamador, o mais recorrente, que funciona como pista entoacional e está relacionado ao conhecimento novo. A relevância do trabalho está em pensar o sujeito afásico como produtor de um discurso que recorre a recursos paralinguísticos e prosódicos para compreender e se fazer compreendido.

Palavras chaves: linguagem, prosódia, interação, afasia.

ABSTRACT

Aphasia is considered a reduction and dysfunction of the use of language in which there is a change of language mechanisms at all levels, manifesting itself in both productive and receptive aspects of oral language and/or writing. Facing these characteristics, the speech of aphasics became our object of study by focusing on the prosodic elements and intonation patterns present in them. The assumption used in this work is that the tonal choices, which are being made along the interaction, are responsible for the construction of a context, and the tonal prominence options will build the sense of the text simultaneously. The interactive context suggests the recognition that the behavior of prosodic behaviour constructs a significant intonation outline, being interpreted by the listener as incorporation of an informational content, but at the same time can provide clues regarding interactivity marks, while keeping the proximity/distance between the interlocutors, associated with typical patterns (referring tones) in reference to the prior knowledge shared or new information (proclaiming tones). This work sought to identify intonation patterns and other prosodic resources domains present in the oral organization of the subjects participation in the Conviviality Group for Aphasics. Aware of this, we observed recurring prosodic elements, the use of other linguistic resources and the role of intonation tracks for the constitution of meaning. To achieve the proposed objective, reading workshops were held with six aphasic subjects, of both genders, who participated and attended regularly the Conviviality Group for Aphasics, Catholic University of Pernambuco, during four meetings. The studies on the theme presented grounded the research on the organization of oral speech of aphasics, highlighting the prosodic relationship, from the perspective of Brazil (1985). It is concluded that, over the interactional process, prosody was common in the construction of speech of the analyzed subjects in this research, who constantly resorted to paralinguistic resources and proclamation tone, the most recurrent function, which serves as an intonation trace and is related to the new knowledge. The relevance of the work lies in thinking of the aphasic subject as producer of a speech that makes use of paralinguistic resources and prosodic patterns to understand and be understood.

Key Words: language, prosody, interaction, aphasia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Distribuição bidimensional da fala e escrita	29
FIGURA 2 – Tons.....	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Níveis de fala segundo a teoria de Brasil (1985).....	38
QUADRO 2 - Classificação de Brazil (1985) para as curvas entoacionais.....	39
QUADRO 3 – Tipos de Tons e seus Significados	42
QUADRO 4 - Descrição dos sujeitos conforme idade, profissão, quadro neurológico, situação familiar, questões lingüísticas e participação no Grupo.....	49
QUADRO 5 – Teoria Interacional de Entoação (TIE), Brazil (1985).....	55

LISTA DE RECORTES

RECORTE 1 – Comidas Típicas 01	58
RECORTE 2 – Comidas Típicas 02	61
RECORTE 3 – Comidas Típicas 03	62
RECORTE 4 – Músicas 01	65
RECORTE 5 – Músicas 02	66
RECORTE 6 – Músicas 03	67
RECORTE 7 – Músicas 04	68
RECORTE 8 – Mr Bean 01	70
RECORTE 9 – Mr Bean 02	71

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1- Pressupostos Teóricos.....	16
1.1 Sobre afasia: o que sabemos?.....	16
1.1.1 Grupo de Convivência da Universidade Católica de Pernambuco.....	21
1.2 Caminhos percorridos através linguagem.....	23
1.2.1 Entre a oralidade e a escrita: os dois lados da mesma moeda.....	26
1.2.1.1 Percurso dicotômico da oralidade e escrita.....	30
1.3 Relação entre a linguagem e prosódia: caminhos a serem percorridos...31	
1.3.1 A teoria interacional da entoação.....	33
1.4 Observações sobre a prosódia na linguagem do sujeito afásico.....	43
2- Metodologia.....	46
2.1 Tipo de pesquisa.....	46
2.2 Local da pesquisa.....	47
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	47
2.4 Procedimentos para obtenção dos dados.....	51
2.4.1 Oficina de comidas típicas.....	52
2.4.2 Oficina de músicas.....	52
2.4.3 Oficina cinema mudo.....	53
2.4.4 Oficina de piadas.....	53
2.5 Procedimentos para obtenção dos dados.....	54
3- Descrição e análise dos dados.....	56
4- Considerações finais.....	74
5- Referências bibliográficas.....	77

INTRODUÇÃO

A afasia é uma alteração de linguagem, na qual os mecanismos linguísticos são alterados em todos os níveis, tanto em relação à produção de fala quanto aos seus aspectos interpretativos, e caracterizada por distúrbio de expressão e recepção do código simbólico da linguagem oral e/ou escrita (COUDRY, 2001).

Essa alteração no funcionamento da linguagem geralmente é adquirida em consequência de uma lesão no hemisfério cerebral esquerdo, que é a área cerebral dominante pela linguagem e responsável pela fala ou pela compreensão das palavras. O sintoma mais proeminente da afasia, geralmente, é a dificuldade na fala.

As afasias podem variar desde o tipo que impede qualquer possibilidade expressiva ou interpretativa até aquele em que as dificuldades de linguagem são praticamente imperceptíveis. Essa variação tem várias razões, não estando apenas na dependência de uma causa, e sim de fatores diversos, como a gravidade do comprometimento neurológico, a capacidade de regeneração ou plasticidade cerebral (OLIVEIRA, 2005).

Nesse processo de construção, as palavras que necessitam naquele momento de fala não lhe chegam adequadamente, não são selecionadas nem ordenadas. Por isso, sua fala é reduzida e simplificada ao máximo ou desviada semântica, fonêmica ou morfologicamente. Há um déficit na compreensão, o que torna necessário o uso de pistas, repetições, apoios e ordens bem curtas e objetivas como estratégias para que o afásico possa se expressar.

A questão para esta pesquisa versa sobre a organização do discurso oral, focalizando as relações prosódicas na interação verbal, e assumindo que a escolha de padrões entoacionais pelo falante pode ser favorável, ou não, ao êxito na constituição do seu discurso e, conseqüentemente, ao sucesso da interação.

Inicialmente, procuramos identificar a presença dos aspectos prosódicos, entoacionais no discurso dos sujeitos afásicos, que justifique a utilização dos mesmos como facilitador na interação e compreensão. Para tanto, examina-se a ocorrência de elementos prosódicos na construção do discurso.

Para o desenvolvimento desta dissertação, buscamos referências bibliográficas que nos fornecessem suporte teórico sobre o tema como prosódia (Brazil), no qual serviu de base para nossos apontamentos e observações.

A prosódia é vista como determinante para o processo interacional, imprimindo ao discurso marcas da intencionalidade do locutor, a serem identificadas pelo interlocutor. Assim, nos detemos em responder as seguintes questões: de que forma, a prosódia facilita a interação e compreensão do que é dito? E, com a limitação que a afasia impõe quais outros recursos linguísticos utilizados por esses sujeitos?

Aprofundar os conhecimentos das relações estabelecidas entre os sujeitos, por meio das escolhas de uma linguagem, nos possibilita traçar, de maneira mais clara, como acontece a utilização de determinadas escolhas linguísticas, desenvolvendo uma compreensão mais apurada.

No Capítulo I, apresentamos os estudos que nortearam a construção da nossa fundamentação teórica, as quais serviram de base para a construção dos pressupostos teóricos aqui descritos, apontando os caminhos percorridos do embasamento científico adotado como base para o desenvolvimento da análise de dados, elencando temas como afasia, linguagem, a relação entre a linguagem e a prosódia, a Teoria Interacional do Tom e, por fim, a associação entre afasia e prosódia.

Na seção intitulada Linguagem, traz a forma como se dá a compreensão da importância da linguagem e os conceitos sobre a oralidade e a escrita. Os conceitos abordados partem do princípio de que o discurso é construído através das relações interativas e do conhecimento de mundo. Portanto, o sujeito elabora seu discurso através da extração dos significados realizados no processo de interação com os demais interlocutores.

Posteriormente, a seção dedicada a Linguagem e Prosódia, discute-se de que forma se constrói a comunhão entre ambas, destacando as características da linguagem em que podemos identificar a prosódia, apresentando a importância da interação na construção de sentidos.

Na seção referente à Prosódia: Teoria Interacional do Tom segundo Brazil (1985) discute-se o desenvolvimento da sua teoria, levando em consideração alguns pontos, como a natureza da prosódia e aspectos da

entoação.

Em seguida, na seção que faz referência ao item afasia, destacamos os conceitos, características e tipos de afasia seguindo os pressupostos de Morato (2002) e Coudry (2001).

Na última seção do primeiro capítulo, intitulado Afasia e Prosódia, apresentamos argumentos para um diálogo possível entre os temas, destacando, ainda, de que forma é viável pensar a prosódia no discurso do sujeito afásico, através dos movimentos interacionais dos interlocutores e seus investimentos em aspectos prosódicos para se fazer entendidos.

O Capítulo II é destinado à metodologia, e nele estão expostos a elaboração do *corpus*, o perfil do grupo de informantes e o método de coleta utilizado nesse trabalho. A metodologia de pesquisa eleita para a análise dos dados está vinculada à posição teórica adotada, delineando, principalmente, o contexto em que se insere nossa pesquisa.

Na sequência, apresentamos um capítulo referente a análise e discussão dos dados obtidos em seus respectivos contextos.

Na última parte do trabalho, tecemos um capítulo sobre as considerações finais, e reflexões sobre o trabalho realizado, que pretende ampliar a visão sobre os estudos da linguagem de pacientes afásicos, bem como sua inquestionável importância no decorrer desse processo de reconstrução da linguagem.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 E sobre afasia: o que sabemos?

Às vezes, não é necessário palavra: sussurrada,
falada, suplicada, gritada.
Pois quando os olhos falam, o suor murmura,
o sorriso cala, o gesto grita.
São mais que palavras, mais que mil palavras.
Carlos Marinho

Os estudos científicos da linguagem se proliferaram na segunda metade do século XIX, concentrando seu foco na linguagem dentro de um contexto sobre a afetação do discurso devido a danos cerebrais. Em adultos, que antes possuíam a completa habilidade de produzir e compreender sua língua nativa e, por algum tipo de trauma neurológico, ocorre uma redução de suas habilidades linguísticas, esses distúrbios de linguagens foram nomeados de afasia.

A afasia vem sendo estudada, no decorrer dos anos, em duas diferentes perspectivas: organizacionista (Lebrun, 1983; Freud, 1977; Luria, 1977) e discursiva (Coudry, 2001; Morato, 2006; Santana, 2002). As abordagens e as perspectivas teóricas variam, dependendo do tipo de linha de estudo. A utilizada neste trabalho se apóia numa visão individualizada do sujeito e suas particularidades, bem como o esforço compelido pelo afásico em sua ação de reconstrução da linguagem.

Segundo Coudry, 2001, p.5, a afasia corresponde a

“Alterações de processo linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva produzida por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não estar associada a alterações de outros processos cognitivos”.

Em suma, a afasia é, basicamente, uma questão de linguagem, não redutível aos níveis linguísticos, ou seja, à língua. Em seus estudos, Morato

(2006) chama a atenção para o um envolvimento do funcionamento da linguagem e de processos cognitivos associados à afasia.

A definição de afasia, portanto, exclui perturbações da função da linguagem causadas por confusão mental, e os obstáculos na comunicação causada por surdez, cegueira, disartria ou hemiplegia.

Dependendo do tipo de afasia, alguns desses aspectos podem estar afetados de forma mais acentuada, apresentando-se como consequência de transtornos neurológicos, como: acidente vascular cerebral - AVC (conhecido como derrame cerebral), trauma crânio encefálico – TCE (que poderá ser com ou sem perfuração da calota craniana), aneurismas, tumores intracranianos, ou, ainda, infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área especificada. Geralmente, a afasia surge abruptamente, sem que a pessoa perceba, antecipadamente, que está por sofrer um dano neurológico (MORATO, 1999).

As afasias podem variar desde o tipo que impede qualquer possibilidade expressiva ou interpretativa até aquele em que as dificuldades de linguagem são praticamente imperceptíveis.

Essa variação tem várias razões, não estando apenas na dependência de uma causa orgânica, e sim de fatores diversos como a gravidade do comprometimento neurológico, a capacidade de regeneração ou a plasticidade cerebral (OLIVEIRA, 2005).

Entretanto, dentro da literatura estudada, foi visto que existem vários tipos diferentes de afasias, os quais dependem do local exato da lesão cerebral, muito embora haja certa concordância sobre a existência de três tipos principais: a afasia de expressão, afasia de recepção, também chamadas, respectivamente, de Afasia de Broca e Afasia de Wernicke, e a afasia mista.

Segundo Coudry (2001), a afasia de Broca, é a mais encontrada, também nomeada como afasia não fluente, de expressão ou motora, sendo a expressão oral que se encontra comprometida em diferentes graus. E, embora, os pacientes consigam executar normalmente a leitura silenciosa, a escrita está comprometida. Nesses pacientes, a característica principal é a consciência do seu déficit e a capacidade de reconhecer os erros que ocorrem durante sua própria expressão, procurando corrigí-los, mas fazendo-o de maneira inadequada,

provocando reações emocionais que os deixam deprimidos com facilidade (frustração), acentuando o distúrbio.

De um modo geral, a afasia de Wernicke caracteriza-se por não apresentar fraqueza associada, e os pacientes com esse tipo de afasia não se dão conta de seu déficit, tornando a recuperação mais difícil. Com a compreensão mais comprometida que a expressão, a leitura e a escrita tornam-se bastante conturbadas, embora não haja dificuldade na articulação das palavras. Poderá haver um predomínio de dificuldade na área semântica, levando o indivíduo a emitir perfeitamente as palavras, sendo, no entanto, incapaz de compreender o que lhe é solicitado. Nesse caso, também poderá ocorrer um predomínio maior na área fonêmica, quando, ao invés de articular uma palavra, ele a substitui por outra com significados distintos, sem percebê-lo (RAPP, 2003).

As afasias podem variar desde o tipo que impede qualquer possibilidade expressiva ou interpretativa até aquele em que as dificuldades de linguagem são praticamente imperceptíveis.

Essa variação possibilita várias razões, não estando apenas na dependência da causa, e sim de fatores diversos, como a gravidade do comprometimento neurológico, a capacidade de regeneração ou a plasticidade cerebral.

Diante desse panorama, identificamos a linguagem como principal meio de comunicação da maioria da população, e que vai além do simples ato verbal. É como processo ativo que envolve partilha constante entre interlocutores, não se remetendo pela supressão do falar. A afasia é apontada como um distúrbio de linguagem em seu funcionamento.

A organização da linguagem do sujeito afásico, em geral, vai ser reduzida e simplificada ao máximo, ou desviada semântica, fonética e morfológicamente da linguagem normal (MARINHO, 2008), acarretando alterações tanto na linguagem oral quanto na escrita.

Por afetar, sobremaneira, a linguagem oral e a escrita, e, em decorrência, todos os processos afeitos a elas, não é difícil mensurar o impacto da afasia sobre a vida das pessoas que com ela passam a conviver. Os afásicos, em geral, hesitam muito para falar, mostram alta instabilidade no uso das palavras, trocando-as de forma inesperada e incompreensível uma pelas outras,

apresentando também dificuldades de encontrar aquelas que gostariam de enunciar, muito embora a afasia nem sempre seja de natureza amnésica.

Esses sujeitos pronunciam de forma laboriosa os sons da fala, repetem partes das palavras ou as distorcem ou suprimem, embora não apresentem deficiências físicas que as impeçam de articular, podendo, ainda, falar de maneira telegráfica (MORATO, 2002).

Por tudo isso, a afasia é uma patologia que afeta tanto os afásicos quanto seus familiares, promovendo uma ruptura abrupta em suas vidas, tornando-se uma espécie de caos na vida do sujeito e daqueles com quem ele convive. Há, em geral, uma supressão de interações sociais, já que os amigos afastam-se e o afásico é, normalmente, impossibilitado de trabalhar. Em alguns casos, ele próprio se vê isolado socialmente em função das dificuldades comunicativas, locomotoras e, também, pelos sentimentos de vergonha diante de sua “nova” condição (SANTANA; DIAS; SERRATO, 2007).

De acordo com Vieira (2006), a dificuldade linguística que se impõe aos sujeitos nos quadros afásicos se apresenta de forma tal que modifica a posição do sujeito em relação ao mundo, à vida - que aparece como um vazio que se traduz em sofrimento.

Dessa maneira, além das questões que envolvem a dificuldade em comunicar, é importante levar em consideração, ao lidar com o afásico, como nos lembra Coudry (2001), que as enunciações defeituosas são feitas por um ser humano com um cérebro em sofrimento, um estranhamento de si próprio. Enfim, o sujeito não está “apenas” diante de um distúrbio de linguagem, está, inclusive, diante de um problema social.

O ato de falar implica a escolha de entidades linguísticas de alta complexidade, o que nos leva diretamente ao nível lexical. Quem fala faz uma seleção de palavras, combina frases, tudo dentro de um sistema sintático da língua que utiliza. Jakobson (2001), em seus estudos aborda essas questões, destacando que a combinação de signos se dá entre signos constituintes e/ou em combinação com outros signos. Em outras palavras, qualquer unidade linguística serve, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa. A outra questão é a seleção, que está ligada à possibilidade de substituir um signo pelo outro.

Dentre as habilidades que os seres humanos são capazes de desenvolver, os distúrbios de linguagem podem afetar, em graus diversos, a capacidade de combinar e selecionar as unidades linguísticas, fato importante para se saber qual operação está afetada, na análise e descrição das diferentes formas de afasia.

Jakobson (2001) avançou, em seus estudos em relação a linguística e a afasia – a partir da concepção de funcionamento de linguagem - dois aspectos de linguagem, dois tipos de afasia que estão relacionados aos distúrbios de similaridade e contiguidade. Com isso, o autor apresenta dois grandes eixos de relações simbólicas, projetadas uma sobre a outra, como duas formas de organização da linguagem: sintagmática/metonímica e paradigmática/metafórica, inspirado no trabalho de Saussure ([1916], 2003).

Dois operações fundamentais estão por trás do nosso comportamento verbal: seleção e combinação, sendo que a seleção é baseada na similaridade e a combinação na contiguidade. Jakobson (2003) aplica essas características da linguagem aos estudos da afasia, onde os transtornos da similaridade estão ligados à decodificação, e os transtornos de contiguidade à codificação.

Os termos decodificação e codificação indicam tipos de danos causados pela afasia. Como já descrito neste trabalho, a afasia de Broca é oposta à afasia de Wernicke, sendo a primeira o caso mais típico de distúrbio de contiguidade e a segunda, o caso mais notável de distúrbio de similaridade.

Em situações práticas, nos sujeitos afásicos com distúrbios de contiguidade, encontramos uma abolição dos predicados refletida na perda do poder de elocução. Numa análise simples, o discurso é reduzido a palavras independentes – substantivos e formas nominais dos verbos. Assim, o sujeito perderia a habilidade de elaborar proposições, e o contexto se desintegraria (LIMA, 2010).

No caso dos distúrbios de similaridade, ocorre exatamente o contrário: o sujeito gramatical é a única parte independente de contexto da sentença, já que o estímulo principal do sujeito está na seleção e não na combinação. Observa-se um empobrecimento da variedade de substantivos, uma tendência a utilizar substantivos gerais e preconizados, com uma inabilidade para encontrar sinônimos e antônimos, e característica dos distúrbios de similaridade (LIMA,

2010).

Ao elencar as descrições sobre os tipos de distúrbios de Jakobson (2003), percebemos que o autor visa rever a interrelação desses dois tipos de afasia de um ponto estritamente linguístico.

O que é evidente nas variedades desses distúrbios é a deterioração, em diferentes níveis, de seleção e substituição. As afasias em suas variedades oscilam entre esses dois tipos descritos, das duas variedades de discurso figurativo, a metáfora, baseada na similaridade, e a metonímia, fundada na contiguidade.

Os passos metafóricos e metonímicos são dois tipos diferentes que Jakobson chama de “comportamentos abstratos”. Devemos lembrar que a maioria das palavras abstratas, como conjunções, preposições, pronomes e artigos, são as partes do discurso mais bem preservadas e as mais frequentemente usadas no discurso dos sujeitos afásicos.

Há oposição entre esses dois tipos de comportamentos verbal – o metonímico, preocupado com as relações externas, e o metafórico, envolvidos com as relações internas.

Com base nessa fundamentação teórica, e com tudo que foi apresentado até o momento, será possível realizar uma melhor observação do sujeito afásico em suas práticas discursivas.

1.1.1 Grupo de Convivência da Universidade Católica de Pernambuco

A Universidade Católica de Pernambuco, por meio do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem e dos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia, vem desenvolvendo pesquisas multidisciplinares com destaque para a comunicação em pessoas com alterações neurológicas (AVE e TCE/Afasia). As informações contidas nesse segmento da fundamentação teórica dizem respeito ao do projeto sobre grupo de extensão.

As diversas pesquisas realizadas nessa área apontaram para a necessidade de criação de um Grupo de Convivência, na Católica, tendo como ponto de partida a proposta do Centro de Convivência de Afásicos, criado no Instituto de Estudos em Linguística, na Universidade de Campinas. Como

pioneiro, o Centro da Unicamp tem servido de referência para a implantação de outros centros ou grupos de convivência que se instalaram no país.

Assim, a proposta do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco tem como objetivo formalizar um espaço de pesquisa e interação entre pessoas, em funcionamento desde o primeiro semestre do ano de 2007.

Como objetivos, o Grupo propõe: promover a interação entre pessoas afásicas e não afásicas a partir da proposição de diversas práticas discursivas existentes na sociedade; descrever e analisar, em termos linguístico-discursivos, a dinâmica interacional do grupo, bem como a rede de significações verbais e não-verbais; trabalhar o funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos; refletir sobre a compreensão do significado de um *Centro de Convivência* para o sujeito afásico e a superação ou enfrentamento de suas dificuldades linguístico-discursivas, reinserção ocupacional e recomposição psicossocial; possibilitar a interação entre as famílias dos sujeitos afásicos do grupo de convivência; escutar a família dos afásicos; construir um banco de dados para pesquisas futuras.

Há dois focos principais no Grupo de Convivência de Afásicos: o primeiro é a convivência, pois o funcionamento do grupo se dá a partir do planejamento diário realizado, pelos coordenadores do projeto, professores e estagiários do projeto. Com os sujeitos afásicos envolvidos no Grupo de Convivência, são realizadas atividades de linguagem oral e/ou escrita, de acordo com os objetivos planejados; com os familiares, o aspecto principal é a escuta, que perpassará todo o processo. Além disso, são realizadas palestras sobre temáticas específicas de interesse da família e que contribuem para uma melhor compreensão do quadro afásico.

O segundo foco é o estudo, pois a produção advinda das atividades implementadas produzem dados importantes para o desenvolvimento de pesquisas no grupo de convivência. Por isto, a importância, também, da criação de um banco de dados.

Desta forma, as atividades realizadas são adaptadas às necessidades especiais de seus participantes, funcionando também como um campo para composição de acervo de dados, uma vez que todo o processo passa por registro documental descritivo e videográfico.

De modo geral, o Grupo de Convivência oferece aos sujeitos afásicos um espaço de convivência e inclusão social, marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento de quadros interativos, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades lingüístico-discursivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como, por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, mostrando-nos que seus discursos não se apagam frente à afasia.

1.2 Caminhos percorridos através da linguagem

Um galo que canta sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele dá e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo e o lance a outro; e outros galos que com muitos outros galos cruzem os fios de sol de seus gritos de galo para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.
Tecendo a Manhã – João Cabral de Melo Neto

A linguagem humana constitui uma capacidade essencial para que haja a interação social, que consiste em produzir, enviar receber e reagir à comunicação. É através da linguagem que construímos uma identidade e nos tornamos um “ser social”. A linguagem constitui o mais difundido e eficaz instrumento natural de comunicação à disposição do homem.

Segundo Santana, Dias e Serrato (2007), a linguagem desempenha um papel fundamental em nossa vida, servindo não só para comunicar o que queremos informar, nossas decisões, mas também para contar piadas, mentir, explicar, argumentar, constituindo-se como o principal mediador de nossas interações sociais, colocando-se diretamente relacionada com o pensamento, processos cognitivos e o modo de organizar e categorizar o mundo.

Nesse sentido, a elaboração de um discurso implica diretamente em um saber da língua e do mundo. Luria (1986) destaca em seus estudos as concepções dos sistemas funcionais da linguagem, considerando as funções

cognitivas como complexos regulamentos organizados socialmente. O desenvolvimento dessas funções é resultado das relações estabelecidas pelos sujeitos em suas vivências e práticas sociais estruturadas na e pela linguagem.

O mundo que o sujeito constrói em seu relato depende em grande medida de suas escolhas lexicais, de suas intenções discursivas, do reconhecimento de implícitos culturais, do reconhecimento de elementos temáticos, do tipo de relação interlocutiva que estabelece com os outros, de coordenadas dêiticas de que lança mão para transformar “referentes” em objetos do discurso (KOCH, 2002).

Segundo Koch (2006a), historicamente, a linguagem humana tem sido concebida de várias maneiras: 1) representação do mundo e do pensamento (espelho); 2) instrumento de comunicação (ferramenta) e 3) como forma de ação ou interação (lugar). Dentre esses conceitos, percebemos que a primeira concepção, a qual o homem representa para si o mundo através da linguagem, constitui o conceito mais antigo. Cabe à língua a função de representar seu pensamento.

A segunda concepção considera a língua como um código e a sua principal função é transmitir informações. Finalmente, a terceira concepção da linguagem humana, adotada neste trabalho e a mais usada atualmente, conceitua a linguagem como atividade, como forma de ação, ou seja, como *lugar de interação* que possibilita aos sujeitos de uma sociedade a prática dos mais diversos atos. Nesse sentido, a linguagem tem a função de controlar as ações comportamentais dos sujeitos, o que pode ser observado não somente na modalidade oral (face a face), como também por meio da escrita (SANTOS, 1999).

É importante ressaltar os usos da linguagem oral e escrita como atividades sociais (SANTANA, 2002), uma concepção que não exclua os aspectos históricos e sociais e que relacione essas atividades do sujeito às práticas discursivas.

Segundo Gnerre (1998), os membros de uma comunidade ou grupo social interagem utilizando as mesmas características linguísticas constituídas, em geral, de léxicos especiais usados nas estruturas gramaticais e sintáticas das

variedades linguísticas, uma espécie de “linguagem especial”, com a mesma função central de todas as linguagens, ou seja, com um real valor comunicativo, além de reafirmar a identidade dos integrantes do grupo.

Para Saussure (2003), a linguagem possui dois lados: um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. Nesse sentido, pode-se dizer que ela é multiforme e heteróclita, o que implica, em um mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução. Quando usamos a linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que resultam em manifestações socioculturais (DIONÍSIO, 2005).

Quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos, relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos desencadear, isto é, pretendemos atuar sobre o outro de maneira a obter dele determinadas reações (verbais ou não-verbais) (KOCH, 2006).

Ao falar, o sujeito tem a intenção de atingir algum objetivo ou conseguir a reação de alguém. Trata-se de um jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e somente no seu interior se estabelecem suas regras. Dessa forma, o produtor e o interpretador do texto são “estrategistas”, à medida que, ao jogarem “o jogo da linguagem”, elaboram uma série de estratégias, de ordem sociocognitiva, interacional e textual, com vistas à produção de sentido (KOCH, 2006).

Para a linguagem oral ou escrita fluir, faz-se necessária uma interseção do sujeito com o discurso social, atrelado a uma rede de significantes na qual esse sujeito se reconheça. Durante toda a vida, as pessoas desenvolvem um “dicionário cerebral” e, por mecanismos complexos, acessam esse “dicionário” traduzindo as palavras que aí se encontram em diferentes formas de expressão.

Para alcançar o objetivo interacional da linguagem, que é compreender o que nos dizem, e sermos compreendidos pelos outros através de meios comunicativos e interacionais, é de responsabilidade do locutor assegurar ao seu interactante as condições necessárias para que este: 1) seja capaz de reconhecer a intenção, isto significa compreender qual é o objetivo visado; 2) esteja de acordo em realizar o objetivo pretendido. Diante disso, o locutor deve realizar

atividades linguístico-cognitivas tanto para garantir a compreensão como para estimular, facilitar ou causar a aceitação do outro (KOCH, 2006a).

É através da interação pela linguagem que os interlocutores expressam, interpretam e negociam os signos verbais de acordo com a situação discursiva. A negociação desses sentidos é o que mais interessa no processo interlocutivo, pois é quando se tem uma interpretação do uso dos papéis no momento da enunciação (KOCH, 1997; MARCUSCHI, 1986), sendo nesse processo a realização do sujeito.

Este trabalho apoia-se na concepção de linguagem como forma de ação, estabelecida e realizada entre dois ou mais sujeitos, e, com base nessa realização, investigam-se os eventos que irão construir os sentidos dessa manifestação discursiva, possibilitando investigar a capacidade que o ser humano tem de interagir socialmente por meio da língua.

1.2.1 Entre a oralidade e a escrita: os dois lados da mesma moeda

*“Os sentidos não são simplesmente codificados
(depositados no interior do código), pois eles
são sempre produzidos na relação dos sujeitos
com a língua, dos sujeitos entre si e na complexa
articulação com outras instâncias de produção e
funcionamento da língua.”*

Marcuschi (1996, p.9)

A língua nos seus dois modos de uso, oralidade e escrita, é uma prática social que contribui para compor, transmitir e conservar a própria memória dos feitos humanos. Nossa história está crucialmente ligada a fenômenos de fala e escrita.

Galvão e Batista (2006) identificam três grandes momentos na história humana, quando se enfoca a relação entre oralidade e escrita. O primeiro teria se caracterizado por uma grande distância entre oralidade e escrita, já que somente um pequeno grupo de pessoas, nessa fase, tinha acesso à alfabetização.

Para os autores, até aproximadamente o século passado, o letramento tinha um *status* de "habilidade artesanal", na medida em que estava confinado em grupos privilegiados relativamente pequenos. Além disso, os materiais escritos eram caros e de difícil obtenção. Os autores se referem, por exemplo, para ilustrar esse momento, ao fato de os estilos literários serem gramatical e estilisticamente bem diferentes do idioma falado cotidianamente. Percebemos que, nesse primeiro momento, a aprendizagem das habilidades letradas estava mais próxima de formas de contato pessoais, familiares e de processos de socialização informais do que de formas de aprendizagem sistematizadas em currículos formais.

Em uma segunda fase, a escrita passou a ser vista, predominantemente, como um registro da oralidade. Nesse momento, as narrativas orais passaram a ser divulgadas maciçamente pela escrita. Com a industrialização, a urbanização, a emergência das camadas médias e a instituição de formas democráticas de participação política, as diferenças entre as linguagens cotidianas e as tradições literárias começaram a desaparecer (GALVÃO, 2006). Esse movimento caracterizaria uma proximidade entre a oralidade e a escrita.

Em um terceiro momento, ainda segundo os autores, teria havido um novo afastamento entre oralidade e escrita, na medida em que esta última passou a assumir outro aspecto, tornando-se burocratizada. Essa nova configuração societária trazida pelo desenvolvimento tecnológico, pelas burocracias e pelas regulamentações governamentais, exigiu novas formas de comunicação, fundamentalmente dependentes da palavra escrita.

Em geral, os usos da língua são situações sociais e históricas, com um elevado grau de heterogeneidade e alto potencial de envolvimento. Considerando que a língua é, portanto, um conjunto de práticas discursivas, ali são encontrados fenômenos como a oralidade e a escrita e práticas sociais de uso da língua. Então, fala e escrita são envolventes e interativas, sendo próprio da língua achar-se sempre orientada para o outro, visto não se constituir uma atividade individual.

Para Marcuschi (1995), é impossível investigar os fenômenos da oralidade e da escrita sob um olhar fragmentado, já que tanto a fala quanto a escrita segue o mesmo sistema linguístico, no entanto, elas fazem um uso diferenciado das condições contextuais de produção textual.

A língua é muito mais um conjunto de práticas discursivas do que somente uma série de regras ou um sistema de formas simbólicas. Diante dessa perspectiva, se manifesta e funciona como atividade oral e como atividade escrita. Por outro lado, o uso da língua ocorre num *continuum* de relações entre modalidades, gêneros textuais e contextos socioculturais. Isso equivale a dizer que tanto a fala como a escrita variam (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005).

A expressão *fala* nos remete às formas orais do ponto de vista do material linguístico e de sua realização textual-discursiva, enquanto a expressão *escrita* designa o material linguístico da escrita e suas formas de textualização, sendo uma espécie de representação abstrata e não fonética nem fonêmica da fala. Contudo, a única distinção dicotômica entre *fala* e *escrita* é o meio utilizado como forma de representação, já que a escrita se manifesta como grafia, e a fala como som. Com isso, percebemos que à medida que a fala é representada pelo som, tem uma presença fugaz, a escrita é representada pela grafia e tem presença duradoura (MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005).

A oralidade e a escrita requerem muito mais que capacidades inatas; demandam habilidades no uso de uma modalidade específica de linguagem. Essas competências permitem que o sujeito seja capaz de “parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado e de distinguir um texto segundo os vários tipos de texto (por exemplo, uma conversação de um texto científico, de uma receita de bolo, de uma poesia) (FÁVERO, 1991).

Segundo Marcuschi (1999/2002), da mesma forma que na modalidade oral o texto escrito apresenta traços de interatividade que determinam uma relação direta do escrevente com seu interlocutor. Entretanto, como a interatividade concretamente inscrita na textualidade foi investigada quase que exclusivamente na fala, o seu desconhecimento na escrita levou alguns autores a requererem que a escrita não mostrasse marcas de interatividade explícita. Com isso, a escrita caracterizou-se como linguagem do distanciamento e a fala, como linguagem da proximidade.

Nessa perspectiva, sabemos que os termos fala e escrita são usados para as diversas formas e atividades comunicativas, como manifestações textuais/discursivas, não se limitando ao código, pois, tratam-se muito mais de

processos e eventos do que produtos (MARCUSCHI, 2007a).

Ainda nos estudos de Marcuschi e Dionísio (2005), a única distinção dicotômica entre a fala e a escrita é quanto ao meio utilizado, ou seja, na sua forma de representação. A escrita é representada graficamente, enquanto a fala, através do som.

Com relação ao texto falado e escrito, Marcuschi (2007b) mostra uma distinção significativa, associada ao seu potencial em relação à ordem social e institucional, as quais possibilitam e permitem a construção de sentidos.

Nos estudos linguísticos clássicos, os conceitos de fala em função da escrita estiveram associados aos processos de objetivação e racionalização de um padrão linguístico, tendo como base os sistemas autônomos em relação aos contextos e aos meios de produção/recepção (SIGNORINI, 2001)

Quando consideramos os textos sob o ponto de vista de sua modalidade sonora e gráfica, Marcuschi (2007b) faz uma distribuição ao longo de dois eixos em uma superfície bidimensional, como na Figura 1.

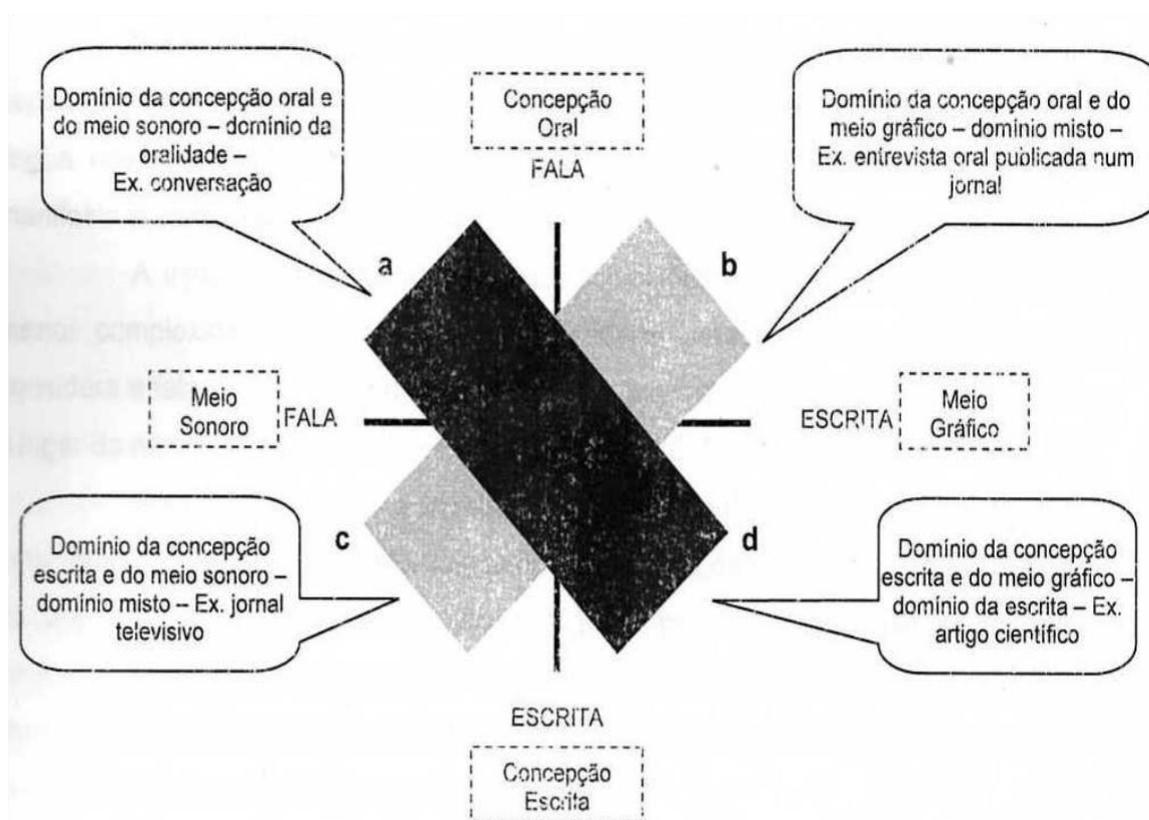


FIGURA 1 – Distribuição bidimensional da fala e escrita.

Na Figura 1 percebemos a distribuição do texto numa visão fundamental entre a sonoridade e a grafia, bem como nas duas modalidades de concepção. Essa distribuição elaborada por Marcuschi (2007b) facilita essa visualização. Até a década de 80, a oralidade e a escrita eram analisadas como códigos opostos, ou seja, caracterizando dois sistemas linguísticos distintos, uma relação dicotômica.

1.2.1.1 Percurso dicotômico da oralidade e escrita

No decorrer do século XX, em especial entre os anos 50 e 80, vários pesquisadores, dentre eles, sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais, defendiam os conceitos assumidos pelos linguístas relativos à invenção da escrita como um “divisor de águas”, no que diz respeito à introdução de uma nova forma de conhecimento e expansão da capacidade cognitiva. Nesse sentido, acreditavam na supremacia da escrita e sua condição de autônoma, enquanto a oralidade estava na visão da cognição e do uso (MARCUSCHI, 2001b).

Essa “divisão de águas” entre fala e escrita é a maior tradição entre os linguístas, e foi o primeiro caminho que conduziu aos estudos em relação a essas modalidades.

A perspectiva proposta sugere uma dicotomia, separando forma e conteúdo, uma separação entre língua e uso, considerando a língua como um sistema de regras. Essa visão possui um caráter estritamente formal, manifestando uma enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos (GOMES, 2009).

Na perspectiva dicotômica, atribui-se à fala uma menor complexidade e uma maior complexidade para a escrita, concebendo-se a fala como um lugar do erro e do caos, enquanto a escrita assume o papel da norma culta e do bom uso da língua (MARCUSCHI, 2007a).

Oralidade e escrita eram classificadas como:

FALA	<i>versus</i>	ESCRITA
Contextualizada		Descontextualizada

Implícita	Explícita
Concreta	Abstrata
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Fragmentária	Integrada

(MARCUSCHI e DIONÍSIO, 2005, p. 28)

O problema com essa classificação é que nem sempre se distinguem as duas modalidades, visto que, segundo Koch (2006a), existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa estabelecida.

Na relação entre oralidade e escrita, Santana e Macedo (2004) comentam que essa “grande divisão” não se justifica. Ao contrário, o que existe é uma interdependência entre elas, tanto com relação aos aspectos linguísticos como aos cognitivos.

Koch (1998) e Marcuschi (1994, 1995) consideram fala e escrita como duas modalidades distintas, cujas características vão sendo definidas num *continuum* de pólos marcados como mais formal e menos formal, referindo-se, respectivamente à escrita e à fala, a serem definidas pelo distanciamento/proximidades entre elas.

No próximo seção construímos uma relação entre a linguagem e a prosódia, de forma a descrever a linguagem identificando nela a prosódia, ressaltando a importância da interação na construção de sentidos.

1.3 **Relação entre a linguagem e prosódia: caminhos a serem percorridos**

... Acabava de varrer da minha viagem a pior espécie de poeira que uma vassoura pode afastar: a de nunca começar.

Amyr Klink

Antes de apresentar a relação entre linguagem e prosódia adotada

neste trabalho, será feita uma breve explanação sobre o conceito de pragmática, e sua relação com a Teoria Interacional do Tom, aplicada nesta pesquisa.

A pragmática, por sua consistência e clareza, conquistou seu espaço nos estudos linguísticos após o desprestígio do estruturalismo.

Para Levinson (1983, p. 27),

“a pragmática pode e deve ocupar-se mais precisamente dos mecanismos por meio dos quais o falante pode querer dar mais significação ou expressar alguma coisa completamente diferente do que contém seu enunciado, explorando criativamente as convenções comunicativas”

Através da fala e da escrita é possível saber um pouco da personalidade do sujeito, e as pequenas variações de velocidade, inflexão, tensão, volume, em conjunto com a entoação do seu discurso, auxiliam na transmissão da mensagem pretendida pelo emissor.

Na linguagem falada, a variação do *pitch* e de *loudness*¹ representa a variação da velocidade de fala, na entoação, parâmetro relacionado à prosódia, que pode ser definida como a parte da fonética que trata da acentuação e entoação dos fonemas nas palavras e frases (BECHARA, 2001).

Os elementos da prosódia se caracterizam pela frequência fundamental, intensidade, energia e duração, e imprimem ênfase, entoação, importantes na transmissão da emoção, na construção de sentido do discurso.

Cada um desses elementos possui uma função que, segundo a descrição de Pigatto, Moraes e Bortoli (1989), se caracteriza da seguinte forma: entoação (meio através do qual a voz traduz os estados afetivos e emocionais); timbre de voz (que está relacionado à qualidade da voz, distinguindo quem fala); tempo (associado à noção de velocidade com que se fala); acentos de palavras ou frases (muito importante, de maneira que quando se muda o acento, muda-se também o sentido da palavra ou frase); pausa (não significa interrupção, é a preparação para uma atividade); tensão (pode-se pronunciar uma frase com muita

¹ O *pitch* é a sensação psicofísica da frequência fundamental, relacionado à forma como se julga o som, com referência à altura, que se traduz na sensação de grave e agudo. O *loudness* é a sensação psicofísica relacionada à intensidade do som, que se traduz na sensação do som forte ou fraco (COUTINHO, 2009).

tensão ou pouca, imprimindo para cada fonema uma tensão); ritmo da palavra e da frase (a mudança do ritmo das palavras e frases pode mudar também o ritmo da fala).

A entoação, para Brito *et al* (2007), está relacionada à prosódia, sendo esta última definida pelo dicionário como a pronúncia correta quanto à acentuação tônica das palavras.

Esses conceitos são aplicados às teorias entoacionais, que, segundo Madureira (1999), seguem duas tendências principais: uma de natureza holística, que analisa o padrão entoacional como uma unidade melódica do inventário das línguas, e outra de natureza atomística, que analisa o padrão entoacional à maneira de outras unidades linguísticas, como uma sequência de tons de diferentes alturas e inclinações, modelo adotado por esta pesquisa.

Por muito tempo, a entoação foi vista apenas pelo viés da gramática. Com a evolução dos estudos do discurso, foram sendo introduzidos novos conceitos, dentre eles os que relacionam os tons ao conhecimento partilhado e ao conhecimento novo, que possibilitam ao falante diferentes graus de envolvimento com os interactantes.

A teoria utilizada neste trabalho foi desenvolvida por David Brazil (1985) e leva em consideração o sentido do discurso a partir da estrutura tonal dentro de um contexto interativo.

1.3.1 A Teoria Interacional da Entoação (TIE)

A Teoria Interacional da Entoação² foi desenvolvida por David Brazil ao final da década de setenta e início da década de oitenta, no livro *The communicative value of intonation*, publicado em 1985, na Universidade de Birmingham (Inglaterra). Esse trabalho foi posteriormente ampliado juntamente com John Sinclair e Malcolm Couthard.

A TIE descreve a forma como a prosódia permite a veiculação de significados através da análise da materialização do som em interações verbais. A prosódia é entendida como um conhecimento socialmente construído, ou seja, como um elemento em função do discurso, diferentemente da concepção

² Teoria Interacional do Tom, de agora em diante TIE.

gramatical. Consiste na expressão vocal usada na fala cotidiana e contribui apropriadamente para um discurso interativo.

Estudos relacionados à prosódia com base na TIE, dissertações, teses acadêmicas, periódicos e revistas científicas, distribuídas em todo território nacional, fazem menção à leitura em voz alta (LVA), a exemplo dos trabalhos de Luciano (2000), Nogueira (2004), Lopes (2006), Serra (2009), entre outros, em que se relaciona a fala espontânea ao texto escrito, reconhecem o valor da prosódia, na construção do sentido.

Para Brazil (1985), a entoação consistiu numa estratégia de escolha do falante com o objetivo de orientar, guiar o seu ouvinte na compreensão dos significados comunicativos. São os padrões entoacionais que, através de pistas estabelecidas na relação direta entre os interlocutores, revelam a intencionalidade do texto comunicativo (BARRETO, 2011).

Os padrões entoacionais atuam no discurso para exercer três funções na interação: a função organizacional, a função social e a função informativa.

A primeira função, a organizacional, como sugere o próprio termo, diz respeito a como os tons são usados pelo falante para organizar o discurso. Uma vez que a proposta teórica é a de que o exercício dessas funções se apresente através de aspectos interativos, entende-se, portanto, que há consciência desse aspecto por parte dos interactantes.

A função social requer que os indivíduos conheçam o seu papel dentro daquela estrutura organizacional. Ela é percebida através das pistas entoacionais fornecidas pelos falantes para terem os seus papéis assegurados na interação.

Na função informativa, os falantes utilizam determinados recursos tonais para dar indicações acerca do conteúdo informacional propriamente dito (LUCIANO, 2000).

Para Luciano (2000, p. 71)

[...] Na realidade, o que Brazil está definindo por função informativa (distinguindo conteúdos novos de conteúdos partilhados) é o reconhecimento da existência de pistas entoacionais orientadoras da construção de sentido pelo interlocutor, sinalizando as proposições mais relevantes. O efeito que o conjunto total dessas pistas traz para a construção de sentido do texto resultante da interação deve ser resgatado pelo analista com a observação do evento comunicativo.

Na visão dessa autora, o resultado da interação gerada pelo “efeito que o conjunto dessas pistas traz para a construção de sentido do texto” deve ser observado pelo pesquisador relacionando-o ao contexto no qual o evento comunicativo ocorre (LUCIANO, 2000).

Neste trabalho, propõe-se que os padrões entoacionais têm por objetivo exercer determinadas funções no discurso a fim de promover a construção de sentidos ao longo das interações verbais sociais.

Para Brazil (1985), “uma descrição que lida com entoação de forma adequada deve, de fato, procurar responder às perguntas de tipo muito diferentes daquelas que gramáticas de frase são configuradas para responder”³, ou seja, a entoação não deve ser vista apenas pelos seus elementos com função gramatical, mas sim, como um elemento com função discursiva.

As escolhas entoacionais determinam o padrão entoacional, que obedece a uma decisão que se dá durante o processo de desenvolvimento da conversação. Essas escolhas são feitas de acordo com o contexto e o conhecimento de mundo dos interlocutores.

A TIE propõe a noção de contexto interacional como resultado da enunciação. Nesse caso, o valor comunicativo é algo que incide com o enunciado em si. Em vez de dizer que as características que configuram um contexto são resultados das escolhas feitas pelo falante em utilizar um tratamento entoacional para o discurso, vamos dizer, mais corretamente, que a entoação é configurada a partir de um determinado contexto de interação (BARRETO, 2011)

Dessa forma, são as escolhas entoacionais que são responsáveis por projetar um determinado contexto interativo. Através, dessas escolhas, somos capazes de obter algumas informações, como alegria, tristeza, raiva, ansiedade, mentira etc. Comportamentos do falante são traduzidos através das escolhas entoacionais.

Os falantes, no seu discurso, segmentam a fala em pequenas unidades, tendo como motivação não apenas as atribuições coesivas à sua fala, ou uma pausa para a tomada de ar, mas, também, a facilitação da compreensão do interlocutor. Essas pequenas segmentações são denominadas unidades

³ “A description which handles intonation properly must, indeed, seek to answer questions of quite a different kind from those which sentence grammar are set up to answer” (BRAZIL, 1985, p. 05).

tonais, sendo-lhes atribuídas algumas propriedades:

São (pré) planejadas no momento em que o falante vai organizando a sua fala;

Caracterizam-se por subida e descida de tom;

Possuem, no mínimo, uma e, no máximo, duas sílabas, mais enfáticas (proeminentes).

Cada unidade tonal proporciona ao ouvinte pistas acerca da intenção comunicativa do sujeito. Essas proeminências, aqui entendidas como força articulatória atribuída a uma sílaba que se destaca, podem, ou não, coincidir com a sílaba tônica da palavra (LOPES, 2006).

Assim, antes de iniciar uma unidade tonal, o falante já precisa saber o que deverá acontecer com cada uma delas, selecionando as proeminências de acordo com o conhecimento partilhado com os demais interlocutores e também com o contexto da interação. A proeminência sempre estará associada a algum significado da palavra enunciada.

Cada unidade tonal terá de uma a duas proeminências. No último caso, a primeira é chamada de *onset syllable* (sílaba inicial ou base), e a segunda será denominada de terminação (*termination*). A distinção entre as proeminências de uma mesma unidade tonal está condicionada à existência de três níveis distintos de acontecimento da fala: alto, médio e baixo.

A escolha tonal se dá em sílabas acentuadas, ou não, numa relação direta com o grau de importância dado às informações no discurso (BRAZIL, 1985). O falante deve ter consciência do motivo de sua escolha quando atribui proeminência a uma determinada sílaba, visto que tanto a presença como a ausência da proeminência em determinada sílaba pode influir na mudança de significado do texto (BARRETO, 2011).

Nos enunciados com unidades tonais que possuam uma única proeminência, as informações acerca do discurso se agrupam naquele único elemento destacado.

Segundo Viana (1997), na seleção de elementos proeminentes, há um predomínio da estrutura ilocutória, que diz respeito às intenções do falante ao fazer uso da linguagem (CRYSTAL, 2000). Para Koch (1997), somente a prosódia e o não-verbal possibilita detectar a verdadeira força de qualquer ato de fala.

Dentro dessa perspectiva, os atos de fala são movidos pela intencionalidade.

A intencionalidade é definida por vários autores. De acordo com Koch (2000), está relacionada ao propósito dos produtores de textos de fazer com que o conjunto de ocorrências verbais possa constituir um instrumento textual coesivo e coerente, capaz de realizar suas intenções, ou seja, atingir um alvo específico, e está ligada aos diversos modos como os sujeitos usam os textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas, utilizando os recursos adequados à concretização dos objetos visados. Então a intenção é percebida numa esfera cognitiva, pois, para atribuir um dado sentido ao enunciado, o sujeito pode recorrer a representações mentais acerca de experiências prévias e do seu conhecimento de mundo

A proeminência tem sido considerada como uma característica que determina o início e o fim de segmento tônico, sendo também a sua incidência que fixa o domínio das três variáveis: base, terminação e tom (BRAZIL, 1985).

Como se pode observar no Quadro 1, são definidas as funções exercidas pelos diferentes níveis de proeminência em relação à base e à terminação.

QUADRO 1 – Níveis de fala segundo a teoria de Brasil (1985).

NÍVEL	BASE	PISTA	TERMINAÇÃO
BAIXO <i>(low)</i>	As informações são equivalentes, não se tem intenção de acrescentar.	Equativa	Não há expectativa, ou seja, o enunciado é conclusivo.
MÉDIO <i>(mid)</i>	A intenção é declarar que concorda com o outro.	Aditiva	O falante espera a passividade do ouvinte, que deverá concordar com o enunciado.

ALTO (high)	A intenção é mostrar surpresa, expectativa, contradição. Implica julgamento do evento.	Constrastiva	Proporciona ao ouvinte uma chance de contestar/julgar
------------------------------	--	--------------	---

Quadro elaborado por Luciano (2000).

Para o autor, é no contexto interacional que se realizam as diferentes escolhas tonais. Cada unidade tonal concebida no discurso ocorre em um tempo e lugar específico, o que nos remete a um contexto interacional único e irrepetível.

Segundo Barreto (2011), o conhecimento partilhado pode ser assumido como uma característica do contexto interacional, quando ambos os participantes compartilham do mesmo conhecimento.

O sistema de base possibilita a elucidação de contrastes: escolher uma possibilidade exclui a outra. Realizando isto em uma determinada situação, o falante pode trair ou antecipar sentimentos em seu ouvinte, embora uma interpretação mais específica dependa de vários fatores.

Brazil (1985) é incisivo ao afirmar que só o contexto em que se realizou a interação é que dá os meios de acesso ao real valor da entoação. Descreve cinco tons, cada um com uma característica em particular relacionada a um valor comunicativo, capaz de transmitir um valor de verdade para todas as ocorrências encontradas sob aquele determinado tom (BRAZIL, 1985). O contexto de interação está relacionado com a maior ou menor recorrência do tom. Se o falante não escolher um dos cinco tons, a unidade tonal soará incompleta. O Quadro 2, a seguir, apresenta os tipos de tom, sua representação gráfica e suas funções.

QUADRO 2: Classificação de Brazil (1985) para as curvas entoacionais.

TOM		
Nomenclatura	Símbolo	Função
Ascendente (<i>rise</i>)		Referente Dominante
Descendente (<i>fall</i>)		Proclamador Não-dominante
Ascendente- descendente (<i>rise-fall</i>)		Proclamador Dominante
Descendente- ascendente (<i>fall-rise</i>)		Referente Não-dominante
Nivelado (<i>level</i>)		Discurso de orientação oblíqua

Brazil (1985) reforça que sempre se deve questionar sobre as consequências da escolha de um tom em detrimento de outro. Isto também é importante para a noção de que um tom só é definido na sua relação/comparação com outro.

Os tons foram agrupados, pela sua oposição, em proclamadores (*proclaiming*) e referentes (*referring*).

Segundo Viana (1992), os tons proclamadores são os descendentes e ascendentes-descendentes. Eles implicam completude e introduzem uma informação não partilhada pelos sujeitos. Esses tons carregam a expectativa de que o novo conteúdo aumentará a área de convergência⁴, pois o falante oferece

⁴ Brazil (1985) explica a convergência como se durante a escolha do enunciado que ocorre na unidade tonal, às visões e conhecimento de mundo dos interactantes devessem se encontrar. A comunicação verbal é um processo linear e comunicativo que tem como objetivo aumentar a área de convergência, com alguns trechos do discurso constituindo um passo adiante no processo.

ao ouvinte a possibilidade de avançar em sua visão de mundo.

Os tons descendentes-ascendentes e os ascendentes são denominados referentes, por relacionarem-se a conteúdos partilhados ou o conhecimento prévio, pelos interactantes, isto é, o tema já está em jogo na conversação, o ouvinte já espera que se fale sobre ele, não acrescentando nada de novo (LOPES, 2006). Nesse sentido, os tons referentes também estão relacionados ao partilhamento do conteúdo ou de conhecimento prévio.

Os tons proclamadores e referentes podem ser usados tanto em perguntas como em assertivas, distinguindo-se do conceito gramatical de interrogativas/afirmativas, prevalecendo o conceito interacional de asserção indagação (VIANA, 1992).

O tom neutro, para o autor dessa teoria, está vinculado à noção de um tom cujo enunciado está centrado na construção da língua e não nos interlocutores ou na intencionalidade dos falantes (BRAZIL, 1985).

Segundo Luciano (2000), a intencionalidade dos falantes se expressa pela observação das funções interacionais que os tons podem assumir ao longo do discurso, ou seja:

Informar o ouvinte quanto à natureza do que é dito;

Informar em que ponto o ouvinte pode cooperar;

Informar sobre como a cooperação pode ser dada;

Avaliar a contribuição do ouvinte, entre outros.

Na interação, há regras claras que governam o discurso, as quais são reconhecidas pelo falante, e que atribuem aos interactantes diferentes papéis. Para Brazil (1985), o falante pode desempenhar o papel de dominante ou de não-dominante.

As possibilidades de representação das escolhas dos tons estão descritas na Figura 2, observando as possibilidades de escolhas tonais.

O tom dominante implica que o falante está em concordância com aquilo que foi dito, mas também pode demonstrar seu papel de dominante na intenção. Segundo Brasil (1985), este tom (r+), relacionado à dominância, tem um impacto menor do que um tom ascendente-descendente (p+), tom mais usado para enfatizar algum trecho do discurso.

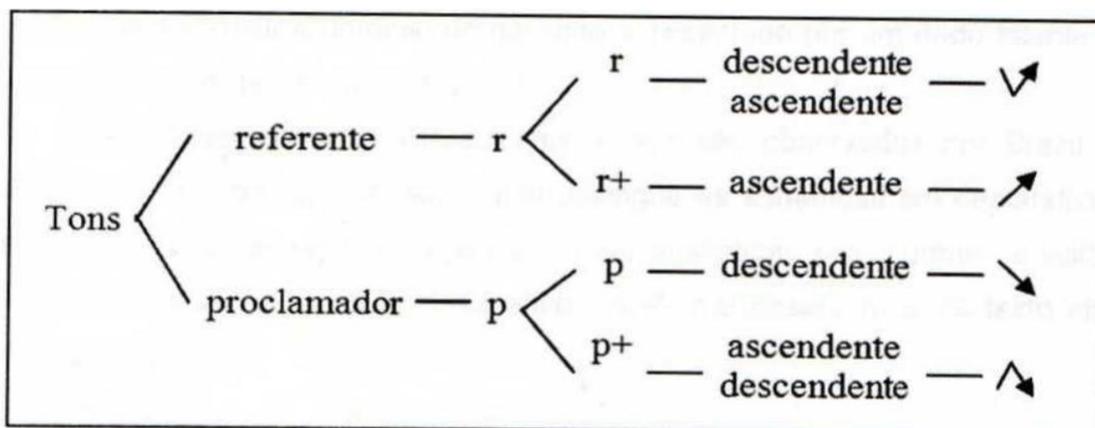
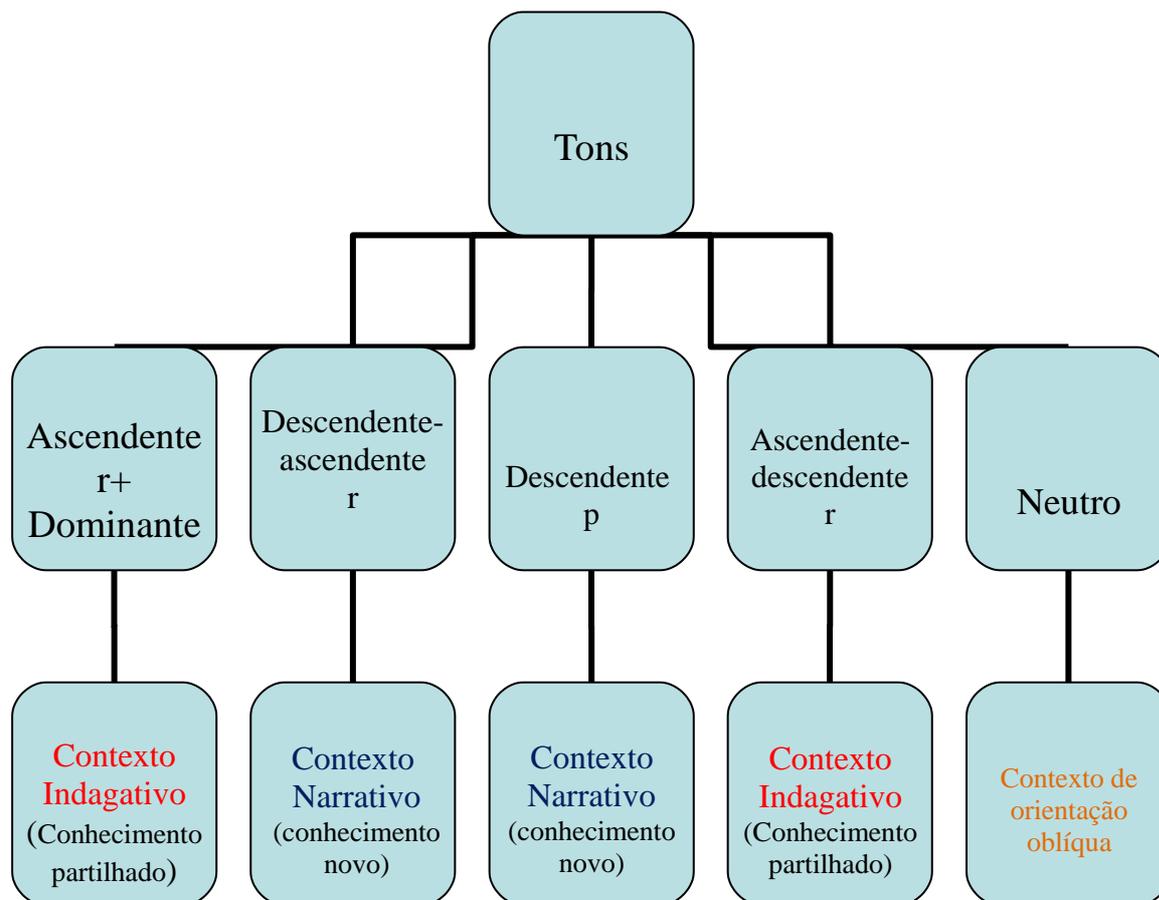


FIGURA 2 – Tons segundo Brazil (1985).

A Figura 2 permite visualizar com bastante nitidez a classificação dos tons (referentes e proclamadores) e sua distribuição. Para cada um desses tons são atribuídos valores comunicativos de natureza narrativa ou indagativa.

Os tons mais frequentemente encontrados no discurso são os descendentes e os descendente-ascendentes. De uma forma geral, podemos relacionar o tom descendente a contextos narrativos em que surge alguma informação nova. Já os descendentes-ascendentes referem-se a um assunto que está efetivamente sendo discutido, conversado. A ideia de conhecimento partilhado está associada aos tons descendentes-ascendentes, e aos descendentes, o conhecimento novo, uma informação não partilhada. Por fim, o tom neutro, associado à noção de um tom cujo enunciado está centrado na construção da língua e não em seus interlocutores ou na intencionalidade dos falantes.

Para maior visualização dos tipos de tons e do significado contido em cada um deles, a seguir, observa-se o Quadro 03.



QUADRO 03 – Tipos de Tons e seus Significados.

O Quadro 03 apresenta cinco tipos de tons e seus significados. Para cada tom utilizado no discurso, temos um valor significativo que lhe é atribuído, considerando a interação decorrente da elaboração do discurso falado ou escrito. Os interlocutores recorrem aos contextos indagativo e narrativo a fim de se fazer entender e, nesse movimento de linguagem, imprimem suas intenções comunicativas, como, por exemplo, chamar a atenção para um conhecimento novo e partilhar um conhecimento prévio. Essa movimentação é construída de acordo com a intencionalidade dos falantes. A ideia de conhecimento partilhado está associada aos tons ascendentes, enquanto os tons descendentes relacionam-se à ideia de um conhecimento novo, informação ainda não partilhada. Considerando a pertinência dessa concepção para os estudos da interação entre sujeitos afásicos é que se optou por adotá-la neste trabalho.

1.4 Observações sobre a prosódia na linguagem do sujeito afásico

Nosso propósito, ao abordar essa relação, é vislumbrar algumas respostas para as perguntas que instigaram nossa pesquisa: de que forma, a prosódia facilita a interação e compreensão do que é dito? Com a limitação que a afasia impõe à produção da linguagem, quais outros recursos linguísticos são utilizados por esses sujeitos?. Esperamos, no momento da análise dos dados, sermos capazes de responder a essas questões.

Para isso, procuramos estabelecer uma relação entre a prosódia e a afasia, bem como sua relevância para a linguagem, buscando observar de que forma a prosódia se apresenta no discurso de sujeitos afásicos.

De acordo com Morato (2000), se é verdade que as condições neurológicas ou psíquicas são capazes de conferir um estatuto patológico, muitas vezes indiscutível, à linguagem, é também verdade que os limites da normalidade e da patologia não são esboçados apenas pela língua, pelo sujeito e seu cérebro defeituoso, mas pelas nossas vontades de verdade - como Foucault se refere à mentalidade de uma época, de um país, de uma comunidade. Essa autora defende, ainda, que não somos falantes ideais o tempo todo, mas somos, sem dúvida, criaturas voltadas para a linguagem, para o diálogo, para a interação verbal – qualidade propriamente humana.

O afásico constrói o seu pensamento de forma desviada (MORATO, 2002), pois as palavras de que necessita naquele momento de fala não lhe chegam adequadamente, não são selecionadas nem ordenadas. Por isso, sua fala é reduzida e simplificada ao máximo, ou desviada semântica, fonêmica ou morfológicamente. Há um déficit na compreensão, o que torna necessário o uso de pistas, repetições, apoios e ordens bem curtas e objetivas como estratégias para que ele possa se expressar.

Entendemos que a comunicação pela linguagem falada constitui uma característica do ser humano e, diante disso, a produção de um discurso implica um saber da língua e do mundo.

Luria (1986) destaca as concepções dos sistemas funcionais, considerando as funções cognitivas na linguagem como complexos regulamentos organizados socialmente. O desenvolvimento dessas funções é resultante das

relações estabelecidas pelos sujeitos em suas vivências e práticas sociais estruturadas na e pela linguagem.

É na interação pela linguagem que os interlocutores expressam, interpretam e negociam os signos verbais de acordo com a situação discursiva. A negociação do sentido é o que mais interessa no processo interlocutivo, pois é quando se tem uma interpretação do uso dos papéis no momento da enunciação (KOCH, 1997; MARCUSCHI, 1986). Nesse processo, o sujeito se realiza.

A questão para esta pesquisa versa sobre a organização do discurso, focalizando as relações prosódicas na interação verbal, e assumindo que a escolha de padrões entoacionais pelo falante pode ser favorável, ou não, ao êxito na constituição do seu discurso e, conseqüentemente, ao sucesso da interação. A prosódia é vista como determinante para o processo interacional, imprimindo ao discurso marcas da intencionalidade do locutor a serem identificadas pelo interlocutor. O modelo interativo entoacional de Brazil (1985) considera que cada aspecto entoacional acrescenta um tipo diferente de informação durante a interação, mantendo uma relação direta com a intenção comunicativa.

Em outras palavras, para Brazil (1985/ 1987), o falante usa a entoação visando a transmitir a mensagem com ênfase ao que quer destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais como recurso facilitador de sua compreensão no contexto interativo. Então o falante escolhe uma ou duas proeminências, ou seja, palavras com ênfase em determinada sílaba, e demarca, assim, as unidades tonais. Esta divisão em unidades tonais serve para que a fala seja inteligível para o ouvinte (LEAL, MADEIRO E AGUIAR, 2006).

Ao adotar uma perspectiva interativa sobre o discurso, admite-se que tanto o emissor quanto o receptor participam, ativamente, na construção do discurso (LEAL, MADEIRO E AGUIAR, 2006).

Aguiar e Gomes (2008) destacam os parâmetros prosódicos utilizados na construção de sentidos no discurso do afásico, em momentos de trocas interativas, em diferentes situações, pressupondo um conhecimento prévio e um compartilhamento de assuntos e ideias. Esse mesmo padrão aparece em momentos em que o afásico encontra-se diante de alguma alteração que dificulte a organização da linguagem, o que corrobora os achados na literatura sobre os padrões entoacionais, onde as escolhas do padrão ascendente refletem a

Intencionalidade do sujeito afásico em tentar manter o seu discurso oral, visando Ser entendido pelo outro.

O afásico sente bastante dificuldade em transmitir emoção e significado pela fala, em ser compreendido, em comunicar o conteúdo pretendido porque a alteração de linguagem também pode comprometer o componente prosódico.

Com base nisso, contempla-se a possibilidade de uma observação da utilização prosódica pelos sujeitos da pesquisa, buscando identificar como se dá o processo de organização linguística através de estratégias de construção oral em suas produções linguísticas pela entoação.

2. METODOLOGIA

A escolha de uma metodologia que corresponda ao objeto pesquisado e sua coerência com a referência bibliográfica acerca da temática em questão constitui ponto determinante para o alcance dos objetivos inicialmente propostos para a pesquisa. A finalidade deste capítulo é, portanto, orientar e conduzir o trabalho e sua posterior leitura.

2.1 Tipo de Pesquisa

De acordo com a proposta apresentada nesta pesquisa, a abordagem qualitativa se faz necessária e essencial para desenvolvimento do estudo, visto que, com base nos pressupostos de Silva e Menezes (2001), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade.

A proposta deste trabalho é identificar os padrões entoacionais e outros recursos prosódicos presentes na organização oral de sujeitos participantes do grupo de Convivência para Afásicos da UNICAP. Consideram-se como indícios (pistas) as marcas prosódicas encontradas no discurso dos sujeitos afásicos, consideradas como elementos supra-segmentais⁵.

Para auxiliar a investigação de determinados aspectos do processo de construção do discurso, do ponto de vista do objetivo deste estudo, optou-se pelo estudo de caráter explicativo, tendo em vista a necessidade da aplicação do método observacional. Esse tipo de estudo é utilizado para melhor descrever as características de eventos linguísticos, caso desta pesquisa, proporcionando subsídios à formulação de hipóteses para seus determinantes.

A partir desses procedimentos técnicos, este estudo refere-se a uma pesquisa, portanto, tem caráter qualitativo e exploratório, no qual o tratamento e a

⁵ O termo fonema supra-segmental nasceu com os linguistas americanos que afirmam que o nível da entoação é parte integrante da língua. Na verdade, os elementos prosódicos constituem um sistema onde encontraremos, através da entoação, alguns elementos isolados, denominados de fonemas supra-segmentais.

análise dos padrões entoacionais e recursos prosódicos levantados contribuem para o alcance dos objetivos e a contextualização nas questões relativas à afasia e à prosódia.

2.2 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada junto ao Grupo de Convivência de Afásicos, na

Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, Pernambuco.

O grupo vem se reunindo há, aproximadamente, quatro anos e meio, com o objetivo de adequar e estimular as práticas discursivas, bem como atuar na identificação de estratégias que tendem a contribuir para o restabelecimento da linguagem, além de resgatar a convivência em sociedade.

Os encontros acontecem uma vez por semana e têm a duração de uma hora e meia. Neles, são realizadas atividades, levando sempre em consideração as práticas linguísticas, aspecto de uma relevância fundamental para o afásico.

2.3 Sujeitos da Pesquisa

Participam desses encontros semanais pessoas afásicas e não-afásicas. Há rotatividade de participantes, pois o Grupo de Convivência sempre recebe pacientes novos, e também, por conta das pesquisas em que a Universidade está envolvida, é comum a presença de alunos da graduação e pós-graduação.

No momento em que realizamos a coleta de dados, o grupo contava com seis participantes afásicos. Como mencionamos anteriormente, o grupo existe desde o ano de 2007, de modo que grande parte dos pacientes acompanham o grupo desde sua formação.

Na relação das pessoas que não possuem afasia, estão duas professoras da Universidade, responsáveis pela coordenação do Grupo (sendo uma psicóloga e a outra fonoaudióloga), duas alunas da Graduação e três alunas da Pós-Graduação, envolvidas em algum tipo de pesquisa com essa população.

Os sujeitos afásicos são de faixas etárias entre 48 a 63 anos de idade, com variados graus de escolaridade, níveis sócio-econômico-culturais e sequelas

afásicas (alguns apresentam um maior grau de acometimento, enquanto outros apresentam um tipo de afasia mais leve). A riqueza do grupo está, justamente, na diversidade e heterogeneidade de seus participantes. Dessa maneira, há sempre uma partilha de conhecimento e habilidades entre seus integrantes.

Os participantes não-afásicos atuam ativamente no grupo, fazendo perguntas e, eventualmente, podendo ser questionados para possíveis esclarecimentos, embora, na maior parte do tempo, as atividades visam aos afásicos, sempre buscando estimulá-los a uma maior inserção na conversação.

Os familiares e acompanhantes são conscientes de que aquele espaço pertence ao afásico. É um lugar no qual estão livres para expressar seus pensamentos. Esta é uma preocupação no grupo, pelo fato de, muitas vezes, as pessoas que estão em contato direto com o sujeito afásico não terem paciência em escutá-lo nem esperar que conclua seu discurso, o que sempre os leva a falarem por ele, silenciando-o.

Quadro 4 - Descrição dos sujeitos conforme idade, profissão, quadro neurológico, situação familiar, questões lingüísticas e participação no Grupo.

Participantes	Idade	Profissão	Situação Neurológica	Situação Familiar	Questões relacionadas à linguagem	Comportamento no Grupo de Convivência para Afásicos
Sujeito R	59 anos	Professor de Química em escolas do ensino médio (Hoje se encontra aposentado).	Teve um AVC e ficou internado durante dois meses.	Convive com a esposa e tem três filhos; possui uma relação difícil com a família.	Apresenta uma afasia mista, com predominância na expressão.	Sujeito ativo no grupo. Mostra um bom desempenho nas atividades, estimulando os demais participantes.
Sujeito J	63 anos	Motorista de caminhão.	Teve um AVC quando estava trabalhando, tendo como seqüela o lado direito paralisado.	Está no segundo casamento, possui seis filhos, todos do primeiro enlace, entretanto a primeira família não tem conhecimento da sua situação.	Após o AVC, teve atendimento fonoaudiológico; não apresenta alterações de ordem compreensiva e possui pouca dificuldade para a emissão de sua fala.	Sujeito ativo no grupo. Apresenta uma boa produção oral e é sempre requisitado pelos demais sujeitos.
Sujeito F	60 anos	Motorista.	Teve três AVCs e apresenta um quadro de diabetes e	É casado e tem filhos, os quais, não participam do	Apresenta uma hemiplegia direita, com	Sujeito ativo no grupo, sempre de bom humor e, mesmo

			hipertensão arterial.	processo terapêutico no grupo.	dificuldades de expressão.	apresentando dificuldades de expressão, faz questão de registrar sua opinião.
Sujeito M	48 anos	Trabalhava em um posto de Gasolina como frentista.	Teve um AVC e como sequela apresenta uma discreta hemiparesia direita e uma afasia mista, com predominância motora.	Seu contato principal é o pai.	Com relação à linguagem oral, apresenta dificuldades articulatórias (apraxia da fala), omissões e substituições de fonemas. Faz constante uso da escrita para transmitir seu discurso.	Sujeito ativo no grupo, responsável por todo material digital, sempre traz sugestões de atividades, pois tem uma afinidade com computadores e à tecnologia em geral.
Sujeito S	59 anos	Trabalhou como segurança de banco e hoje se encontra aposentado.	Teve um AVC e, por falta de informação, demorou cinco anos para procurar atendimento fonoaudiológico.	A família é do Rio de Janeiro, mora sozinho e executa todas as atividades.	Apresenta dificuldade de expressão e, além do atendimento em Grupo, também faz atendimento individual em um PSF.	Sujeito passivo, no entanto sempre que solicitado, emite sua opinião ele o faz.
Sujeito G	61 anos	Formado em engenharia civil, trabalhou 35 anos na área; hoje se	Teve AVC em condições severas, perdendo parte da massa cefálica. Apresentando um grande	A família é muito presente nas sessões e nas festas realizados pelo grupo.	Apresenta uma dificuldade considerável na expressão e uma leve dificuldade na compreensão.	Sujeito ativo no grupo. Realiza as atividades, mesmo apresentando certa dificuldade na execução.

		encontra aposentad o.	comprometimen to na expressão oral.			
--	--	-----------------------------	---	--	--	--

2.4 Procedimentos para a obtenção dos dados

O encontro é subdividido em três partes. O primeiro momento é muito valorizado pelos afásicos, que sempre são questionados sobre a semana, e também trazem as notícias, sejam elas da mídia impressa ou televisiva, ou acontecimentos com eles próprios, para partilhamento com o grupo. Esta hora se torna um momento importante nos encontros, por despertar o interesse em discutir sobre as notícias trazidas ou algum fato importante que tenha acontecido, tornando-se um momento de descontração e, ao mesmo tempo, de envolvimento com a linguagem.

O segundo momento acaba se constituindo em uma continuação do primeiro, que é quando os afásicos escutam uma reportagem ou fato importante acontecido durante a semana, trazido ao grupo pelos terapeutas. Após a sua leitura, há uma discussão sobre a reportagem escolhida.

No terceiro momento, as terapeutas realizam a atividade que já se encontrava no cronograma mensal. As atividades realizadas visam à produção oral e escrita (escrita propriamente dita ou desenhos), de trabalhos que motivem a participação dos sujeitos, distanciando-se de formas clássicas, abordagens terapêuticas utilizadas com frequência na clínica, como nomeação de objetos, repetição de palavras e frases e trabalho com produção vocal. Aqui, são sugeridas atividades contextualizadas, cuja função é estimular a produção da linguagem pelos sujeitos.

É importante ressaltar que a pesquisadora mantém contato com os sujeitos tanto em atividades dirigidas à coleta dos dados como naquelas que visam apenas à descontração.

Apesar de não se tratar de um espaço de atendimento fonoaudiológico, utilizamos a palavra “terapeuta” na referência aos profissionais que atuam no grupo de convivência.

As atividades propostas semanalmente são de responsabilidade das

pesquisadoras (as duas professoras responsáveis pelo grupo e as alunas da Pós-Graduação e, entre elas a pesquisadora deste trabalho), que orientam as atividades, lançando temas para debates e levando aos encontros diferentes abordagens, sem, com isso, permitir que o sujeito afásico esteja alheio às escolhas e decisões que são tomadas no grupo.

Os dados da pesquisa foram obtidos durante os encontros do Grupo de Convivência de Afásicos, no período de novembro a dezembro de 2010, quando foi empregada uma sequência de quatro oficinas. A cada semana, foi trabalhado um tema diferente, abordando questões como comidas típicas, músicas, piadas e cinema mudo. Essas oficinas são descritas a seguir.

2.4.1 Oficina de comidas típicas

As atividades das oficinas foram empregadas de acordo com a rotina do grupo tal como descrita previamente. No primeiro momento, dava-se o relato das notícias trazidas pelos sujeitos, seguido de uma breve discussão. Em seguida, uma das terapeutas lia uma reportagem a ser comentada pelos afásicos. Nesse momento do encontro, os sujeitos já estão bastante entrosados e participativos para as atividades, o que permitia a filmagem das atividades sem constrangimento, visto que eles mal se davam conta da presença da filmadora, tão envolvidos estavam nas discussões.

Para a oficina de comidas típicas, foram apresentadas aos sujeitos imagens de comidas do nordeste. A cada imagem, eram explorados os ingredientes utilizados na receita de uma determinada comida, a época do ano em que ela era mais consumida e, mais importante, como se preparava a receita. As indagações que surgiam a partir daí, além de enriquecerem o discurso, oportunizaram a participação de todos.

2.4.2 Oficina de músicas

A segunda oficina, a de músicas, foi iniciada após os dois primeiros

momentos de rotina do grupo. Foram apresentadas músicas relacionadas ao carnaval e ao São João, festas importantes no calendário local. Nesse momento, eram apresentados uns trechos das músicas para que fossem continuadas por quem soubesse. As músicas que estivessem relacionadas a eventos ocorridos com os sujeitos abriam espaço para que eles narrassem fatos de suas vidas, os quais seriam partilhados pelos demais. Como as músicas abordavam temas normalmente conhecido por todos e faziam parte de repertórios relacionados ao Carnaval e ao São João, festas familiares aos participantes, os sujeitos cantavam trechos e contavam histórias de fatos vivenciados.

2.4.3 Oficina cinema mudo

A terceira oficina, com filmes do cinema mudo, foi muito interessante e chamou a atenção pela oportunidade que os sujeitos encontraram para se identificar com o personagem do *Mr. Bean*, que, mesmo sem falar, consegue comunicar-se e se fazer entender pelos participantes.

Após a sequência da rotina do grupo, os sujeitos assistiram a três episódios da série *Mr. Bean*, apresentada ao grupo. Todos assistiram atentos aos acontecimentos do protagonista, que não fala nem escreve durante todo o episódio, mas se faz entender com suas atitudes. Em seguida, foram feitas perguntas sobre as ações do personagem principal e sobre a moral da história. Os sujeitos compreenderam exatamente o propósito da atividade e interagiram dando suas opiniões.

2.4.4 Oficina de piadas

A última oficina foi complexa, pois os sujeitos apresentaram muita dificuldade para interpretar as piadas, o que provocou muito silêncio.

Uma das terapeutas lia uma piada e perguntava aos sujeitos se eles a tinham entendido e qual era a moral da história. Este foi um momento difícil porque os sujeitos não estavam compreendendo as piadas e, por isso, silenciaram, o que dificultava o objetivo maior da oficina que era o estabelecimento da interação. Por esse motivo, essa oficina não entrou na análise

dos dados.

2.5 Procedimento para análise dos dados

Para obter um registro dos dados linguísticos do Grupo de Convivência para sujeitos afásicos, que funciona na Universidade Católica de Pernambuco, as oficinas, que aconteciam em situações interativas durante quatro aplicações abordando diferentes temas, foram filmadas por uma câmera de vídeo.

Além da gravação, as oficinas foram observadas pela pesquisadora, que pôde realizar anotações sobre os contextos em que cada discurso era elaborado, e onde os participantes faziam uso da linguagem.

Inicialmente, todos os arquivos das oficinas foram ouvidos e transcritos de acordo com as normas de transcrição desenvolvidas e apresentadas por Marcuschi (2007). Nessa etapa, foi utilizado o programa *Windows Media Player*, versão 2010, produzido pela *Microsoft*, o que possibilitou as transcrições dos vídeos de modo a nos auxiliar na obtenção de um conteúdo claro e audível.

Após a fase de seleção e recorte do material a ser analisado, fizemos uma nova análise das gravações, desta vez, realizando uma análise descritiva dos textos transcritos, tendo sido analisados os recursos prosódicos produzidos pelos sujeitos da pesquisa.

A análise desta pesquisa é de caráter estritamente perceptual e não acústico. No estudo, observa-se do discurso espontâneo, em um ambiente familiar aos sujeitos, em que a interação flui mais livremente, os dados mostraram-se apropriados à metodologia adotada.

Os textos foram analisados de acordo com as noções abordadas na Teoria Interacional da Entoação (TIE) apresentada por Brazil (1985). Nas análises, observa-se relativa quantidade de pausas entre as unidades entoacionais, as curvas entoacionais e as proeminências que aconteceram em cada ato de fala dos sujeitos participantes.

O Quadro 5 traz algumas das representações utilizadas ao longo das análises, tal como proposto de Brazil (1985) na Teoria Interacional do Tom.

QUADRO 5 – Teoria Interacional de Entoação (TIE), Brazil (1985)

Cadeias Tonais	Separadas por duas barras //...//
Unidades Tonais	Separadas por barras /.../
Padrão Entoacionais	Ascendente ou r+ 
	Descendente ou p+ 
	Ascendente-descendente ou p+ 
	Descendente- ascendente ou p 
	Nível ou 0 
Proeminências	Sílabas proeminentes = palavra maiúscula Ex.: <u>F</u> A <u>l</u> a
	Sílabas não proeminentes = minúsculas Ex.: CA <u>s</u> a
Sílaba Tônica	Sublinhada = _____
Tom	(p) = descendente (<i>proclaiming</i>)
	(p+) = ascendente-descendente (<i>proclaiming</i>)
	(r) = descendente- ascendente (<i>referring</i>)
	(r+) = ascendente (<i>referring</i>)
	(°) = nível
Unidade Tonal	Separada por duas barras //

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, os dados constituídos são descritos e analisados, buscando observar o desempenho dos sujeitos afásicos na construção do seu discurso, a partir das transcrições das oficinas desenvolvidas no Grupo de Convivência para Afásicos.

Com este objetivo, a apresentação das análises foi orientada da seguinte forma: inicialmente, é apresentado um quadro, que consta na metodologia dessa pesquisa, com a descrição dos sujeitos participantes da pesquisa, com base nos prontuários existentes e nas dissertações produzidas no Mestrado em Ciências da Linguagem, junto ao Grupo.

Em seguida, delimitam-se, com base na Teoria Interacional do Tom, as categorias prosódicas que se mostram representativas para os objetivos da pesquisa.

Nas análises, busca-se confirmar as hipóteses levantadas no início da pesquisa, dialogando com a fundamentação teórica.

3.1 Descrições dos sujeitos

Participaram da pesquisa seis sujeitos com o diagnóstico de afasia, com distúrbios de similaridade e contiguidade, como apresentados em Jakobson (2001).

Os sujeitos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: participação no Grupo de Convivência de Afásicos da Unicap; apresentarem diagnóstico neurológico de afasia, confirmado a partir de avaliação neurológica e fonoaudiológica específica; serem adultos (ter idade acima de 18 anos); estarem situados em faixa etária até 70 anos, de forma a evitar degenerações neurológicas decorrentes da senilidade.

3.1 Categorias Prosódicas em Análise

Os recortes utilizados para a análise nesta pesquisa foram colhidos em

momentos nas atividades nas oficinas, que tiveram temas diferentes como: música, comidas típicas e cinema mudo. As oficinas foram filmadas, e os vídeos transcritos, tendo sido selecionados recortes de cada uma das oficinas para análise entoacional, com base na Teoria Interacional do Tom, de Brazil (1985). Feito isso, passou-se à observação das categorias prosódicas utilizadas pelos sujeitos em seus momentos de interação.

Nos recortes a seguir, tem-se uma visão das cadeias entoacionais, as proeminências, as escolhas tonais, as pistas entoacionais referentes a cada escolha e, por fim, o contexto interacional em que cada cadeia entoacional está inserida: contexto indagativo (CI) e/ou contexto narrativo (CN).

Recorte 01 – Comidas Típicas 01

// T1: r+ não FAle / p NÃO / 0 a GENte / 0 TUdo / r com FOme / 0 e ele faLANdo / r Esssas COIsas /

R: 0 asSIM leVAR / 0 HOje / p leVAR /

T2: 0 leVAva todo / r+ MUNdo NÉ / p+ pra coMER / r mugunZÁ /

T2: 0 qual É / p o PRÓximo? /

J: 0 esPEra PElo / r+ DIA da / r FESta faz / r+ um mugunZÁ / r pra o DIA / r da FESta /

R: r quem GOSa / r+ É / r+ É a / r sua Filha / r sua fiLHA / p Ela FAZ /

T2: p Esse DAÍ / r É a esPOsa / 0 DEle / p QUEM faz / r+ MUItto BEM / r não É uma / 0 VEZ ela / r+ TROUxe pra CÁ /

T1: r ISso é / r um trabaLHÃO / r trabaLHÃO ISso / 0 eu NUNca / 0 conseGUIr faZER / 0 NUNca tenTEI / 0 faZER ISso /

R: 0 Oxe isSO / r al É MUItto / r É MUItto / p+ conFUção diFícil / 0 QUEro NÃO / r porQUE ISso / r É diFícil faZER /

J: p canJica /

T2: 0 diFícil deMAIS / r DÁ um traBAIho / 0 daNAdo /

T1: 0 e JUstaMENTe / 0 NESsa VIda / 0 de MUIta PRÁtica / 0 TÁ perDENdo / r como É que / 0 se DIZ a / r produÇÃO / p+ de canJica / r É diFícil enconTRAR / 0 uma baCAna /

T2: r É MUItto / r inDUStrialIZAdo /

F: r isso DAÍ / 0 TRAbalHAVA no / (*gesto com a mão*) /

T1: 0 NÃO / p+ a canJica / r é diFícil enconTRAR / 0 as pesSOas / 0 que FAZ / r+ bem FEIta /

J: 0 aGOra É a / p CANjiQUInha são brás / 0 aGOra É a / r CANjiQUInha são BRÁS //

Nº	Unidade Tonal	Escolhas Tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ HOje /	0	Neutro	-
02	/ leVAR /	p	Conhecimento novo	CN
03	/ MUNdo NÉ /	r+	Conhecimento partilhado	CI
04	/ pra coMER /	p+	Conhecimento novo	CN
05	/ mugunZÁ /	r	Conhecimento partilhado	CI
06	/ pra o DIA /	r	Conhecimento	CI

			partilhado	
07	/ da <u>FES</u> ta /	r	Conhecimento partilhado	CI
08	/ sua <u>fi</u> LHA /	r	Conhecimento partilhado	CI
09	/ ela <u>FAZ</u> /	p	Conhecimento novo	CN
10	/ É a <u>ES</u> posa /	r	Conhecimento partilhado	CI
11	/ confu <u>SÃO</u> di <u>FÍ</u> cil /	p+	Informação	CN
12	/ É di <u>FÍ</u> cil fa <u>ZER</u> /	r	Conhecimento partilhado	CI
13	/ <u>CAN</u> jica /	p+	Conhecimento novo	CN
14	/ É <u>MUI</u> to /	r	Conhecimento partilhado	CI
15	/ in <u>DUS</u> triali <u>ZAdo</u> /	r+	Contribuição dos interactantes	CI
16	/ <u>can</u> ji <u>QU</u> inha são <u>BRÁS</u> /	p	Conhecimento novo	CN

No recorte 01, por se tratar de um discurso extenso, foram escolhidas unidades tonais específicas, que são de suma importância para o entendimento do discurso. Nesse recorte, há um predomínio de escolhas tonais referentes aos tons ascendente-descentes, o que nos remete ao conhecimento partilhado pelos sujeitos, o que chama a atenção para o uso intenso do contexto indagativo no decorrer de todo o discurso.

Observa-se, também, uma escolha recorrente por unidades tonais curtas, o que oferece uma pequena pausa entre as unidades, pausas importantes para a formulação discursiva. Assim, o planejamento das unidades tonais contribui para a organização do discurso e, conseqüentemente, a construção de sentidos na interação. Essa atitude confirma-se em Koch (2001), que destaca que as diferenças individuais em experiência verbal exigem determinadas estratégias por parte do interlocutor na seleção das formas linguísticas, de acordo com as necessidades e possibilidades dos interactantes.

Mesmo em se tratando de afásicos, cuja característica é de desorganização linguística, é possível constatar a utilização de elementos prosódicos na elaboração de seus discursos.

O discurso baseado no contexto indagativo leva os interlocutores a participarem da construção do discurso, através de informações que acham

relevantes, evitando o silêncio e contribuindo para que cada sujeito coloque em uso a linguagem.

Nesse recorte, também estão presentes os tons proclamadores, em seis ocorrências, referindo à introdução de um conhecimento novo no discurso, ligado diretamente ao contexto narrativo, onde podemos perceber os progressos de cada sujeito em relação à organização da sua linguagem no resgate de informações que constituem parte de seu conhecimento. Destaca-se, nesse recorte, a utilização do padrão descendente, no momento em que, ao discutir sobre as canjicas industrializadas, o sujeito J (nº 16) faz uso desse tom para mencionar uma marca de canjica.

Como se pode perceber, a prosódia está presente na construção da linguagem dos sujeitos afásicos. Além de apresentar a teoria, classificar cada tom e atribuir um contexto interacional em cada recorte analisado, destaca-se a importância da prosódia na construção de sentidos pelos participantes. Na fala do sujeito J, ao se referir à festa realizada no grupo nas datas comemorativas, ele utiliza o mesmo tom ascendente-descendente para mencionar um assunto que já é partilhado pelo grupo, o que confirma a TIE proposta por Brazil (1985).

Uma das características dos sujeitos afásicos é substituir a linguagem oral por algum recurso linguístico. Nesse recorte, fica evidente a utilização dos recursos paralinguísticos, quando o sujeito F faz gestos com as mãos para referir o lugar onde trabalhava, como era caminhoneiro, hoje aposentado, e no transporte de cargas.

Recorte 02 – Comidas Típicas 02				
<p>//T2: r+ É <u>T</u>ípico / p do S<u>Ã</u>O <u>J</u>O<u>ã</u>o / 0 não <u>Ê</u> /</p> <p>J: r+ <u>PÊ</u>-de-MOleque / p Ê com <u>MAN</u>dioca /</p> <p>T2: 0 mas <u>Ê</u> / r+ com a<u>ME</u>ndoim / r+ com <u>CA</u>Stanha / p+ <u>MU</u>lto BOM /</p> <p>J: 0 isso <u>A</u> / r+ é <u>CA</u>Stanha /</p> <p>F: r+ <u>E</u> / 0 <u>TÔ</u> tô / p com <u>FO</u>me (risos) /</p> <p>T2: r+ SEU <u>R</u> / 0 VIU <u>ES</u>se /</p> <p>R: p+ <u>ES</u>se aQUI/</p> <p>T2: p+ <u>PÊ</u>-de-MOleque /</p> <p>R: 0 <u>NÃO</u> / p não <u>SE</u>I //</p>				
Nº	Unidade Tonal	Escolhas Tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ do S <u>Ã</u> O <u>J</u> O <u>ã</u> o /	p	Conhecimento novo	CN
02	/ <u>PÊ</u> -de-MOleque /	r+	Conhecimento novo	CI
03	/ <u>MU</u> lto BOM /	p+	Conhecimento novo	CN
04	/ com <u>FO</u> me (risos) /	p	Conhecimento novo	CN
05	/ não <u>SE</u> I /	p	Conhecimento novo	CN

O segundo recorte foi construído embasado, em sua maioria, nos tons proclamadores, referindo à pista entoacional do contexto narrativo, sendo as cinco ocorrências relacionadas a esse contexto, todas elas referentes ao conhecimento novo.

Para Viana (1991), “a escolha de um determinado padrão entoacional obedece a uma decisão a cada momento da fala e estará condicionada ao conhecimento de mundo dos participantes e à complexidade do tema em envolvimento”.

A importância da prosódia nesse recorte pode ser percebida no início do discurso, quando a terapeuta estabelece assunto, comida de São João, e o sujeito J usa um tom ascendente, o que refere um conhecimento partilhado, onde era esperado um tom cujo contexto fosse narrativo, pois seria uma informação nova inserida no discurso. Luciano (2000) mostra que os tons ascendentes também são utilizados em ocasiões nos quais se espera a participação do seu interlocutor, sendo

exatamente o que acontece em seguida. A terapeuta responde ao sujeito J elencando os ingredientes necessários para fazer um pé-de-moleque.

Nesse recorte, percebe-se o uso das pistas entoacionais presentes na construção do discurso dos sujeitos. Como descrito na metodologia, essa oficina foi realizada com o apoio de imagens referentes a cada comida típica. A imagem que faz menção a esse recorte era o pé-de-moleque, onde pode ser evidenciada a presença do amendoim e da castanha. No discurso, a introdução de várias informações sobre a imagem do pé-de-moleque, justificando o uso dos tons proclamadores para esse tipo de contexto, e a troca de turnos entre os sujeitos partilhando os conhecimentos favorecem a construção de um contexto narrativo.

Esse recorte visível o funcionamento da linguagem, quando o sujeito F utiliza-se de um tom proclamador (nº 04), para expressar seu sentimento de fome diante de todo o discurso sobre comida. Destaco, também, nesse recorte, que ser embasado em tons proclamadores, enfatiza a utilização do tom ascendente, mencionado pela terapeuta para chamar a atenção dos sujeitos (início do recorte).

A utilização desse tom justifica-se pela intenção de dar aos demais interactantes ênfase para o que foi dito, informações que se julgam importantes e que os participantes possam partilhar desse conhecimento. Como podemos notar, no decorrer do discurso, as demais informações recaem sobre elementos importantes para a caracterização do que foi dito inicialmente pela terapeuta.

Recorte 03 – Comidas Típicas 03

// R: 0 isSO aAQUI / (**gesto de uma panela**) / r+ TAna / r+ TAna / r+ TAnaNAna (**gesto com as mão cantarolando a música natalina**) /

T1: p+ PAneTOne? /

R: r+ É / r é... TQdo DIA / 0 LEvar as pesSOas /

T1: 0 É um / p+ PAneTOne /

R: r+ SIM Fica / 0 isSO AQUI/ p+ eu BOto / 0 COM com / 0 FEito com /

T1: p FRUtas CRIStaLizadas /

R: 0 NÃO não / 0 NÃO não /

T1: p+ CAStanha / R: r+ É / (*gesto de negação*) /

T1: p PAssa /

R: r+ SIM sim / 0 Tira é PRONto / r EU faÇO / r LÁ em CAsa /

T1: 0 ele TÁ / 0 diZENdo que / 0 FAZ PAneTOne / 0 em CAsa /

R: 0 e faÇO / 0 eu boTO com / 0 um NEgoCInho /

T1: p+ PASa //

Nº	Unidade Tonal	Escolhas Tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ <u>T</u> Ana /	r+	Conhecimento partilhado	CI
02	/ <u>PA</u> neTOne /	p+	Conhecimento novo	CN
03	/ eu <u>B</u> Oto /	p+	Conhecimento novo	CN
04	/ FRUtas <u>CRIS</u> taLizadas /	p	Conhecimento novo	CN
05	/ <u>NÃO</u> não /	0	Neutro	-
06	/ <u>CA</u> Stanha /	p+	Conhecimento novo	CN
07	/ <u>É</u> (<i>gesto de negação</i>) /	r+	Conhecimento partilhado	CI
08	/ <u>PA</u> ssa /	p	Conhecimento novo	CN
09	/ <u>SIM</u> sim /	r+	Conhecimento partilhado	CI
10	/ <u>PA</u> Sa /	p+	Conhecimento novo	CN

No recorte 03, há uma presença marcante de elementos paralinguísticos, gesto das mãos em forma de uma panela, gestos cantarolando a música natalina e o gesto de negação, ambas realizados pelo sujeito R, associados às escolhas tonais, às pistas entoacionais e ao contexto. Os elementos paralinguísticos são de uso habitual dos sujeitos afásicos para se fazer entender pelos demais sujeitos e terapeutas. Neste recorte, observam-se três ocorrências desse recurso.

Na tentativa de informar os demais interlocutores sobre a imagem da comida típica, vista pelo sujeito R, que mostrou uma dificuldade em nomear a comida em questão, o sujeito utiliza-se de um elemento paralinguístico (gesto de uma panela) e, como apoio, cantarola a música natalina. Nesse momento, através das pistas oferecidas pelo sujeito R, a terapeuta utiliza as pistas e nomeia a imagem, o que é percebido e confirmado pelo sujeito.

Esse recorte também traz a riqueza de um discurso embasado num contexto narrativo. Apreciando a junção das informações, é observado, também, o partilhamento daquilo que ainda não se fez conhecido até aquele momento, através dos tons referentes (LUCIANO, 2000). O uso das pistas entoacionais alerta os interactantes para o tipo de informação que segue, facilitando, assim, a compreensão dos sujeitos.

Neste recorte, oito ocorrências principais apontam para os tons proclamadores, descendente-ascendentes e descendentes, enfatizando o uso do contexto narrativo para a construção do discurso, observadas na presença dos conhecimentos novos ou no alerta aos interactantes sobre a fala de alguém, o que é de característica dos tons proclamadores. E a presença de três ocorrências de contexto indagativo, ambas para demonstrar um conhecimento que já é partilhado pelo grupo.

Em geral, nos três recortes referentes à oficina, que tratou sobre as comidas típicas, percebemos uma recorrência maior para o contexto narrativo, o que remete ao uso dos tons proclamadores (descendente-ascendentes e descendentes) mostrando uma participação de todos os sujeitos, que contribuem efetivamente para a construção do discurso é possível evidenciar também a utilização de outros recursos prosódicos, nesse caso no uso dos elementos paralinguísticos presentes nos recortes. E assim, esses aspectos apresentados corroboram para que os sujeitos coloquem a linguagem em funcionamento. Nos recortes analisados, constatamos os elementos prosódicos diante da interação entre os interlocutores e o alcance do principal objetivo da linguagem, que é fazer-se entender.

A segunda oficina é referente à música. No recorte quatro, os afásicos, que escutam um trecho de uma música de Dominginhos, comentam sobre a música e as lembranças a que ela remete.

Recorte 04 – Músicas 01				
<p>Música de Luiz Gonzaga</p> <p>//F: r+ <u>E</u>lta /</p> <p>T2: r+ <u>Ê</u> é é é /</p> <p>R: 0 cantarola a música (<u>LA</u> la LAia) /</p> <p>F: (a música começa... e completa) r+ <u>PU</u>la la / r+ LA na <u>CER</u>ca /</p> <p>R: r EU <u>GOS</u>to DEle / r eu <u>NÃO</u> GOSTo /</p> <p>T8: r+ GOS<u>Ta</u> <u>NÃO</u>? /</p> <p>R: p+ <u>DO</u>minGUInhos?/</p> <p>T9: r+ is<u>SO</u> <u>È</u> / p+ <u>LU</u>iz GONZaga, / r+ <u>NÃO</u> é / p <u>DO</u>minGUInhos <u>NÃO</u> /</p> <p>R: p+ AH <u>LU</u>iz / GONZaga / (gesto com a mão de troca)//</p>				
Nº	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interaciona I
01	/ <u>PU</u> la La /	r+	Conhecimento partilhado	CI
02	/ eu <u>NÃO</u> GOSTo /	r	Conhecimento partilhado	CI
03	/ <u>DO</u> minGUInhos /	p+	Conhecimento novo	CN
04	/ <u>NÃO</u> é /	r+	Conhecimento partilhado	CI
05	/ <u>DO</u> minGUInhos <u>NÃO</u> /	p	Conhecimento novo	CN

No recorte 04, construído sob uma perspectiva de tons referentes, e, conseqüentemente, embasados no contexto indagativo, aparecem três ocorrências. Também é constatado o uso do recurso paralinguístico, gesto com a mão, usados pelo sujeito F para mostrar a trocar do nome dos cantores.

Nesse recorte, o sujeito R cantarola a música por não conseguir cantar a letra, e o sujeito F, que possui o conhecimento da música, dá continuidade à canção. O sujeito R refere não gostar do cantor e utiliza um tom referente para informar seu posicionamento. Ao ser questionado pela terapeuta sobre seu gosto, o

sujeito R associa a música ao cantor Dominginhos, fazendo uso, novamente, de tom referente por se tratar de um cantor que é conhecido de todos os sujeitos. A terapeuta alerta sobre a confusão com os cantores, pois se tratava de Luiz Gonzaga, e o sujeito R faz uso novamente do tom referente e de um elemento paralinguístico (gestos com as mãos), referindo a troca com os nomes usados por ele e, diante disso, percebemos o funcionamento da linguagem e a interação frequente entre os participantes do grupo.

Nesse recorte há o aparecimento de dois tons proclamadores, o que faz menção ao contexto narrativo conforme destaca Luciano (2000). Ambos foram utilizados para a introdução de um conhecimento novos, o que possibilita a construção do discurso e proporciona ao demais interactantes a organização do sentido do discurso proferido pelo interlocutor.

Recorte 05 – Músicas 02				
<p>// T5: <i>r+</i> o <u>NO</u>me / <i>r</i> da <u>MÚ</u>sica? / F: <i>p</i> e<u>LE</u>fanTE/ T1: <i>r</i> <u>Ê</u> / T4: <i>p</i> e o <u>CAN</u>tor? / F: <i>0</i> <u>NÃO</u> / <i>r+</i> E o <u>CAN</u>tor / <i>0</i> <u>NÃO</u> é... / <i>r</i> <u>SEI</u> não / (<i>aponta para a cabeça</i>) / T4: <i>0</i> o <u>NO</u>me DE<u>E</u> / <i>p+</i> <u>TER</u>mina COM / <i>p</i> <u>RU</u>ch / F:<i>r+</i> <u>AL</u>...mir / <i>p+</i> <u>RU</u>ch//</p>				
Nº	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ e <u>LE</u> fanTE/	<i>p</i>	Conhecimento novo	CN
02	/ e o <u>CAN</u> tor? /	<i>p</i>	Conhecimento novo	CN
03	/ <u>RU</u> ch /	<i>p</i>	Conhecimento novo	CN
04	/ <u>AL</u> ...mir /	<i>r+</i>	Conhecimento partilhado	CI

No recorte 05, observamos que em três ocorrências foram usados o tom descendente para a introdução de um conhecimento novo, o que remete à pista entoacional do contexto narrativo, estabelecendo, assim, a continuação do discurso pela introdução das novas informações.

Ressaltamos nesse recorte o uso do tom descente, pelo sujeito F, mencionando o nome da música ouvida por todos os participantes e, para informar seu conhecimento, ele se apropria do tom proclamador, o que exclui a possibilidade do uso de um tom referente, o que traria ao discurso um contexto indagativo, entretanto a escolha feita pelo sujeito F referiu um contexto narrativo, para demonstrar aos demais sujeitos o conhecimento sobre o nome da música.

O sujeito F, que declara o nome da música (n° 01), apresentou dificuldade na lembrança do nome do cantor e utiliza-se de elementos paralinguísticos, apontando para a cabeça, para referir que não lembra a informação, entretanto, com a pista fornecida pela terapeuta que usa um tom baixo (n° 03), apresentando uma informação nova no discurso, o sujeito F menciona o nome do cantor (n° 04) empregando um tom alto, referente, como um alerta aos demais participantes, remetendo ao contexto indagativo.

Recorte 06 – Músicas 03				
<p>// T4: r <u>CAR</u>naval / r ou for<u>RÓ</u>? /</p> <p>R: r+ ta<u>NAN</u> na NA (cantarola) p+ <u>CHO</u>ra, / 0 <u>CHO</u>ra (aponta para os olhos) /</p> <p>T2: r+ <u>É</u> / 0 ele <u>FI</u>ca / p+ e<u>MO</u>cioNA<u>Do</u> //</p>				
N°	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ ou for <u>RÓ</u> /	r	Conhecimento partilhado	CN
02	/ ta <u>NAN</u> /	r+	Conhecimento partilhado	CN
03	/ <u>CHO</u> ra, /	p+	Conhecimento novo	CI
04	/ e <u>MO</u> cioNA <u>Do</u> /	p+	Conhecimento novo	CI

O recorte, seis, traz um discurso onde se percebe o uso e funcionamento da linguagem, o que confirma os estudos de Koch (2002) sobre a construção do relato do sujeito, que depende de sua intenção discursiva, escolha lexical e sua bagagem cultural. Os sujeitos tinham escutado duas músicas, uma

relacionada ao carnaval e outra ao forró, sendo, em seguida, indagados sobre qual delas queriam ouvir novamente. Apesar da dificuldade do sujeito R nomear a sua música favorita (n° 02), ele consegue passar a mensagem cantarolando a música eleita para escutar novamente, que era relativa ao carnaval. Nesse momento o sujeito fez uso do tom referente, ascendente, pois é de conhecimento de todo o grupo sua paixão pelo carnaval.

Esse recorte foi construído numa perspectiva dos dois tipos de contextos trabalhados nessa pesquisa, indagativo e narrativo, por apresentar duas ocorrências para ambos, fazendo referência aos tons referentes e proclamadores, dimensionando os conhecimentos partilhados e as informações novas, esse tipo de situação favorece tanto as relações interativas que envolvem todos os interactantes, e ao mesmo tempo auxilia os demais interlocutores na formulação do discurso, pois o uso do tom ascendente mantém o discurso em suspensão, dando-lhe tempo para a formulação da próxima unidade tonal, sem, contudo perder a atenção dos participantes.

Recorte 07 – Músicas 04				
<p>// M: <i>p</i> o<u>LIN</u>da /</p> <p>T4: <i>r+</i> o<u>LIN</u>da / <i>p+</i> É uma <u>COI</u>sa / <i>r+</i> <u>BOA</u> hein? /</p> <p>M: (<i>aponta o dedo para frente</i>) /</p> <p>T4: <i>r+</i> o <u>SE</u>nhor / <i>o</i> <u>PU</u>lava MUIto /<i>p+</i> <u>CAR</u>naval / <i>r+</i>SEU <u>M</u>? /</p> <p>M: <i>r+</i> <u>OH</u> / T4: <i>r+</i> <u>HEIN</u>? /</p> <p>M: <i>balança a cabeça concordando</i> //</p>				
N°	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interaciona I
01	/ o <u>LIN</u> da /	<i>p</i>	Conhecimento novo	CN
02	/ É uma <u>COI</u> sa /	<i>p+</i>	Conhecimento novo	CN
03	/ <u>CAR</u> naval /	<i>p+</i>	Conhecimento novo	CN
04	/ <i>r+</i> <u>OH</u> /	<i>r+</i>	Conhecimento partilhado	CI

O recorte, de número 07, apresenta um discurso do sujeito M, que demonstra muita dificuldade de expressão oral, fazendo uso da escrita para se comunicar. No entanto, por se tratar de um contexto já debatido pelos afásicos, cujo tema versava sobre o carnaval, o sujeito oraliza sua opinião sobre o assunto com ênfase e satisfação, ao lembrar a cidade de Olinda, situada no Estado de Pernambuco.

Nesse momento, o sujeito M faz uso de um tom baixo (n° 01), para a introdução de um conhecimento novo, sendo indagado pela terapeuta, que também se utiliza de dois tons baixos (n° 02 e 03), possibilitando a atenção dos demais sujeitos, pela introdução de um conhecimento novo.

Nesse recorte também verificamos o uso de recursos paralinguísticos, quando o sujeito M aponta no sentido da cidade de Olinda e quando balança a cabeça concordando com a terapeuta. Esse recorte foi embasado no uso frequente de tons proclamadores, ascendentes e descendente-ascendentes, o que remete ao contexto interacional narrativo.

Em geral, nos quatro recortes referentes à oficina, que tratou sobre as músicas, percebemos uma predominância maior para o contexto narrativo, o que remete ao uso dos tons proclamadores (descendente-ascendentes e descendentes), o que enfatiza a mesma situação da oficina que tratou sobre comidas típicas.

A terceira oficina é referente ao cinema mudo, que tem como personagem principal Mr. Bean, que realiza situações do cotidiano sem o uso da linguagem oral. Os sujeitos assistiram aos vídeos e, em seguida, comentaram as cenas.

Recorte 08 – Mr. Bean 01				
<p>// J: r+ paREce <u>VEI</u>ho / p joGANDO... xa<u>DREZ</u> /</p> <p>F: p <u>BUR</u>aco / Risos /</p> <p>T4: 0 joGANDO o QUE/ r+ SEU <u>FER</u>nando /</p> <p>F: r <u>BUR</u>aco / Risos / J: r xa<u>DREZ</u> /</p> <p>F: r xa<u>DREZ</u> /</p> <p>J: o <u>ELE</u> / p+ come<u>COU</u> <u>PERT</u>urbar / 0 COM os ve<u>LHOS</u> / 0 ai <u>DE</u>pois / r co<u>CHI</u>lava AI /</p> <p>0 DAqui a <u>POU</u>co / p+ a<u>COR</u>dava /</p> <p>T8: 0 E na <u>HO</u>ra / r+ de a<u>PAG</u>ar / p+ a <u>LUZ</u> o que / 0 foi <u>QUE</u> / p+ ele <u>FEZ</u> /</p> <p>J: 0 <u>DEU</u> / p um <u>TI</u>ro //</p>				
Nº	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ paREce <u>VEI</u> ho /	r+	Conhecimento partilhado	CI
02	/ p <u>BUR</u> aco /	p	Conhecimento novo	CN
03	/ r xa <u>DREZ</u> /	r	Conhecimento partilhado	CI
04	/ a <u>COR</u> dava /	p+	Conhecimento novo	CN
05	/ um <u>TI</u> ro //	p	Conhecimento novo	CN

O recorte oito traz a menção a uma das cenas assistidas pelos sujeitos e a os comentários sobre as situações presenciadas. Esse discurso foi desenvolvido numa perspectiva de tons proclamadores (descendentes e descendente-ascendentes), que remete ao contexto narrativo, pela introdução de conhecimentos novos, influenciando diretamente nas duas ocorrências (nº 01 e 03) dos tons referentes, o que faz menção a pista entoacional de conhecimento partilhado, consequentemente, ao contexto interacional indagativo.

Outro destaque desse recorte são as associações são feitas pela linguagem de uso do nosso cotidiano. Nas cenas do filme, Mr. Bean aparece jogando xadrez. Quando mencionada a cena, o sujeito J usa um tom referente para

chamar o Mr. Bean de velho por jogar xadrez, entretanto, o sujeito F, utiliza-se do tom baixo para a menção de um conhecimento novo, faz alusão ao jogo de buraco, que no nosso cotidiano é um jogo de uso dos mais idosos.

Recorte 09 – Mr. Bean 02				
<p>/ T4: 0 ele <u>T</u>Ava / r+ <u>CON</u>seGUINdo DORmir /</p> <p>G: r MRS <u>B</u>Ean (lento) /</p> <p>T4: r <u>S</u>IM / r Mr. <u>B</u>Ean / 0 ele <u>T</u>Ava / r+ <u>CON</u>seGUINdo DORmir /</p> <p>J: 0 ta<u>V</u>A não /</p> <p>T4: 0 <u>E</u> o / r+ que <u>E</u> / p+ que <u>T</u>Ava / 0 IMpe<u>D</u>INdo / p+ DE<u>E</u> <u>D</u>ORmir /</p> <p>G: (<i>incompreensível</i>) 0 vo<u>CÊ</u> / p <u>VIU</u> / p+ vo<u>CÊ</u> <u>VIU</u> //</p>				
Nº	Unidade Tonal	Escolhas tonais	Pista Entoacional	Contexto Interacional
01	/ <u>CON</u> seGUINdo DORmir /	r+	Conhecimento partilhado	CI
02	/ MRS <u>B</u> Ean /	r	Conhecimento partilhado	CI
03	/ DE <u>E</u> <u>D</u> ORmir /	p+	Conhecimento novo	CN
04	/ vo <u>CÊ</u> <u>VIU</u> /	p+	Conhecimento novo	CN

O recorte 9 refere-se à cena em que Mr. Bean tenta dormir. No recorte, encontramos duas ocorrências utilizando os tons referentes, e duas para os tons proclamadores, trazendo para o discurso os dois tipos de pista entoacional, conhecimento novo e o conhecimento partilhado pelos sujeitos. Nesse sentido, o recorte permeia os dois contextos interacionais, indagativo e narrativo.

Um desses tons baixos foi produzido pelo sujeito G (nº 04), que apresenta uma dificuldade significativa da expressão oral, sendo sua primeira fala incompreensível, mas ele mesmo faz sua correção e expressa um conhecimento que é partilhado por todos os sujeitos, indagado o sujeito J tinha assistido, pois ele

frequentemente dorme durante as reuniões do grupo.

Em geral, nos dois recortes referentes à oficina, que tratou sobre cinema mudo, percebemos uma predominância maior para o contexto narrativo, o que remete ao uso dos tons proclamadores (descendente-ascendentes e descendentes) o que enfatiza a mesma situação das oficinas anteriores.

3.3 Conclusões das análises

Em todos os recortes observa-se a participação dos sujeitos e a interação estabelecida entre eles, o que comprova o uso da linguagem mediando e as relações. Nesse sentido, a oralidade, a escrita e a frequência dos elementos paralinguísticos afirmam que a principal função da linguagem está sendo alcançada: compreender e se fazer compreendido.

Em todos os recortes analisados, há a presença de recursos entoacionais, sendo os mais recorrentes os tons proclamadores, que caracterizam um conhecimento novo introduzido ao discurso que está sendo desenvolvido. E, nesse sentido, o contexto interacional mais frequente é o narrativo.

Além de observarmos os progressos dos sujeitos em relação à linguagem oral, verifica-se também a falta de preocupação com o erro ou o acerto, possivelmente dada à interação e confiança já estabelecida pelo grupo. Destacam-se o sujeito G e o sujeito M, que apresentam um comprometimento considerável nessa modalidade de linguagem. Os sujeitos S, R, F e J fazem uso da linguagem oral com mais frequência, no entanto, percebemos uma evolução no sentido de compreender o que é dito pelo outro, em seus momentos de discurso.

A prosódia tem ocupado um lugar importante nas reuniões do Grupo de Convivência para afásicos, apesar da escassez de pesquisa nesse sentido, e, com essa população, é notável o progresso em se utilizarem adequadamente os padrões entoacionais para a construção do discurso pelos sujeitos. Dentre os recortes analisados, observou-se uma prevalência para o contexto indagativo, onde o falante faz uso dos tons altos em pontos onde espera a participação de seus interactantes, no sentido de contribuírem para o enriquecimento do discurso

que é construído. O contexto narrativo também esteve presente, trazendo a utilização de tons baixos, onde os sujeitos intercalavam uma informação nova no discurso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a proposta de estudo aqui sugerida, e, a abordagem metodológica utilizada, foi possível identificar através do levantamento dos dados observados dentro do discurso dos sujeitos afásicos, os dados analisados foram obtidos em quatro encontros do Grupo de Convivência para Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), nos quais foram desenvolvidas atividades durante quatro oficinas: comidas típicas, músicas, cinema mudo e piadas.

Essa pesquisa teve como objetivo principal identificar os padrões entoacionais e outros recursos prosódicos presentes na organização oral de sujeitos de um grupo de Convivência para Afásicos. Para tanto, usou-se a Teoria Interacional do Tom (TIE) respondia aos questionamentos pretendidos nessa pesquisa.

Assim, em nossas análises, mostramos que é possível identificar a prosódia no discurso dos sujeitos afásicos, que a limitação da linguagem oral é acompanhada da utilização dos recursos paralinguísticos. Observou-se, ainda, o importante papel das pistas entoacionais nos momentos interacionais entre os sujeitos afásicos e não-afásicos.

Em contextos interacionais, a prosódia esteve frequente na construção do discurso dos sujeitos analisados nessa pesquisa, que recorreram, constantemente a recursos paralinguísticos para atingir ao principal objetivo da linguagem: compreender e ser compreendido.

Nessa afirmação fica pressuposta a concepção de que o sujeito, concebido na interação com o outro, constitui sua linguagem, sendo atribuído a ele o papel de criador do discurso. Observou-se, assim, que é possível, por meio da utilização dos diversos tipos de tons, os sujeitos afásicos imprimirem um contexto ao discurso, seja ele narrativo ou indagativo.

No interior de cada recorte analisado, os sujeitos assumiram ponto de vistas e interesses, apresentado ao seu discurso certo modo de dizer, expressar-se, sempre com a finalidade de levar adiante o seu querer dizer, ao mesmo tempo em que não deixar de lado a compreensão da contribuição dos demais

participantes. Nesse sentido, identificamos a importância da prosódia na linguagem, onde as escolhas tonais são feitas de acordo com o objetivo pretendido pelo falante, esse fato constata a TIE proposta por Brazil (1985) e seu uso pelos sujeitos investigados nessa pesquisa.

O valor da prosódia é percebido, por exemplo, em momentos em que, diante de um conhecimento compartilhado pelos participantes do Grupo de Convivência, os interlocutores faziam uso de outro contexto interacional, o que comprova a utilização das possibilidades tonais com o intuito de construção do discurso através das relações interacionais estabelecidas.

Então, a entoação foi vista em seus diversos tipos de tons, e qual pista entoacional cada tom proporciona e dentro dessa divisão Brazil faz uma associação dos tons aos contextos interacionais, o narrativo e o indagativo, conforme observamos no texto citado por Luciano (2000).

O contexto narrativo caracteriza-se por trecho de fala em que o falante produz mais tons descendentes (informativos) para destacar informações novas e menos tons ascendentes (alusivos) para os conteúdos compartilhados. No contexto indagativo, o falante utiliza tons ascendentes em pontos onde espera a participação de seu interlocutor com uma "contribuição de ouvinte", ou seja, pequenas contribuições do ouvinte para demonstrar sua atenção ao dito (LUCIANO, 2000, p. 72).

Nos recortes analisados, percebemos uma recorrência maior no uso dos tons proclamadores, o que representa algo satisfatório, por se tratarem dos sujeitos afásicos, tendo em vista que, a principal característica da patologia é o comprometimento da linguagem. Percebemos que esse fato não impede que os sujeitos se tornem interlocutores de seus discursos e desenvolvam um discurso inteligível.

Observou-se que o tom mais recorrente foi o proclamador. Esse tom refere-se ao conhecimento novo, ou seja, os sujeitos têm contribuído para o desenvolvimento do discurso acrescentando informações novas. Este fato possibilita o reconhecimento da reestruturação linguística por parte de cada participante. Ao se tornar autor do seu próprio discurso, cada sujeito imprime sua intencionalidade na fala. Ao mencionar um conteúdo novo, ou discutir sobre um conhecimento que já é compartilhado pelo grupo, o que remete à entoação, que vão se tornando cada vez mais presente.

Uma observação que corrobora a literatura é o uso frequente dos

elementos paralinguísticos, que auxiliam os sujeitos afásicos na construção do discurso e possibilita aos demais participantes a compreensão daquilo que foi dito.

O que percebemos diante desses dados é que os sujeitos, ao se tornarem autores do próprio discurso, imprimem neles os registros da sua intencionalidade na fala. Então, ao veicularem um conhecimento novo ou discutir uma informação que é de conhecimento de todos, remetem à entoação as intenções de sua fala, que vão se tornando cada vez mais presentes.

A impressão da própria intencionalidade por meio dos recursos prosódicos é visível a cada autor, no momento em que eles dão conta do sentido que desenvolvem ao longo do discurso. E diante desse fato compreendemos o uso frequente dos tons proclamadores, que possibilita os discursos de contextos narrativos nos encontros do Grupo de Convivência para Afásicos.

Apesar de os seis sujeitos terem apresentado características individuais próprias de se expressar, foi visto que, em geral, fizeram uso dos mesmos tipos de recursos entoacionais relacionados à suas produções orais.

As análises sugerem, em certa medida, que se promova uma integralização dos estudos envolvendo a prosódia em patologias como a afasia, particularmente para os fonoaudiólogos.

Assim, recomendamos que a prosódia deve ser levada em consideração em pesquisas, análises e estudos para afasia. A prosódia faz parte da constituição do sujeito.

Com isso, espera-se que os profissionais de saúde envolvidos com pacientes afásicos possam perceber as vantagens de se trabalhar a partir dessa perspectiva, aproveitando os recursos linguísticos utilizados pelos sujeitos afásicos para se comunicar, visando o restabelecimento da sua linguagem, sua re-inserção social e uma melhor qualidade de vida para esses sujeitos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Marígia A. de M; GOMES, Izabella C. de A. Parâmetros prosódicos na construção de sentidos do afásico. In: **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**, 2008, Campos do Jordão. 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, Campos do Jordão: SP, 2008. P. 568.

BARRETO, Juliana P. S. **A autoria na academia: uma questão de prosódia**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2011

BECHARA, E. **Moderna gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BRAZIL, D. **The communicative value of intonation in English**. Brimingham: English Language Research, 1985.

BRITO, C. M. P.; MEDVED, D.M.; LEAL, A. L.; ANDRADE, W. T. L.; MADEIRO, F.; AGUIAR, M. A. M. Entoação: conceitos, modelos e perspectivas múltiplas. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F. (Org.). **Em-TOM-Ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária, 2007. p 17 – 50.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTINHO, Sylvia Boechat; DIAFÈRIA, Giovana; OLIVEIRA, Gisele; BEHLAU, Mara. **Voz e fala de Parkinsonianos durante situações de amplificação, atraso e mascaramento**. Pró-Fono R. Atual. Cient. vol.21 no. 3 Barueri July/Sept, 2009.

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 177-196.

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1977.

GALVÃO, Ana Maria de O.; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita: uma revisão**. Cad. Pesqui. vol.36 no.128 São Paulo May/Aug. 2006.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 115 p.

GOMES, Izabella C. de A. **Relação entre oralidade e escrita nas práticas discursivas do afásico**. 2009.188 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. Dois aspectos de linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicações**. Tradução Izidoro Blikstein; José Paulo. 26. Ed. São Paulo: Cultrix, 2001, p 34-62.

KOCH, V. **O texto e a construção de sentido**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **A Inter-ação pala linguagem**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2006a.134 p.

LEAL, A. L. ; MADEIRO, F. ; AGUIAR, M. A. M. . Comunicação Mãe x Bebê: Padrões entoacionais e trocas comunicativas. In: Moab Duarte Acioli; Maria de Fátima Vilar de Melo; Maria Lúcia Gurgel da Costa. (Org.). **A Linguagem e Suas Interfaces**. Recife, PE: Livro Rápido, 2006, v. , p. 109-143.

LEBRUN, Yvan. **Tratado de afasia**. 1ed. São Paulo: Panamed, 1983. 124 p.

LEVINSON, S. (1983). **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge Press University.

LIMA, Bruna Seixas. **Afasia e linguagem figurada: o acesso lexicacal dentro do contextos metafóricos**. 2010.188 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

LOPES, L.W. **Do texto ao contexto: a prosódia na construção da intencionalidade no relato de notícias**. 2006. 312 f. Dissertação (Mestrado Semiótica e Linguística Geral) – Universidade São Paulo, São Paulo.

LUCIANO, D.T. **Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal**. 2000. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LURIA, A.R. **Las funciones corticales superiores del hombre**. México: Fontamara, 1986.

_____. **Neuropsychological studies in aphasia**. Amsterdã: Sweets & Zetlinger B. V., 1977.

MADUREIRA, S. Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros. In: SCARPA, E.M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas: Unicamp, 1999. p. 53-68.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita; In: **Anais do I Encontro de Língua Falada e Ensino**. Maceió: Ed. Da UFAL, 1995, p. 27 – 48.

_____. **Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita**, 1997/2002 (mimeo).

_____. **Oralidade e escrita: uma ou duas leituras do mundo?** Recife: UFPE (mimeo), 1999.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento**. 1 ed. – São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p. 13-29.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007a. 133p.

_____. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b. 170 p.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 208 p.

MARINHO, J. S. **Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas**. 2008. 82 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos** (Universidade Estadual de Campinas). São Paulo, 2002. 62 p.

_____. Neurolinguística. *In* MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 143-170.

_____. **Referenciação e Heterogeneidade Enunciativa. Análise de formas meta-enunciativas no discurso de sujeitos afásicos**. (mimeo), 1999.

_____. **Sobre as Afasias e os Afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos** (Universidade Estadual de Campinas). Campinas, SP: UNICAMP, [2002].

NOGUEIRA, G.L.M. **Entoação e construção de sentidos na leitura compartilhada de histórias infantis**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

RAPP, Carola. **A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia**. Campinas, São Paulo : [s. n.], 2003.

OLIVEIRA, Rui de. **Neurolinguística e o aprendizado da linguagem**. 6.

Ed.Catanduva, SP: Editora Respel, 2005. P. 291-300.

PIGATTO, C.S.P.; MORAES, Z.B.; BORTOLI, S. M. **Reabilitação da fala e da audição através do ritmo musical**. Curitiba: Lovise, 1989.

SANTANA, A. P. **Escrita e Afasia**: o lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus Editora, 2002. 155 p.

SANTANA, A. P.; DIAS, Fábio; SERRATTO, M. R. F. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares. *In*: SANTANA, A. P.; BERBERIAN, A. P.; GUARINELLO, A.C.; MASSI, G. (Orgs). **Abordagens grupais em Fonoaudiologia**: Contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007. P. 11-38.

SANTANA, A. P.; MACEDO, H. de O. O afásico e a linguagem escrita: algumas reflexões. *In*: DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI-DE ANGELIS, C. C. **Linguagem escrita**: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico. São Paulo: Pancast editora, 2004. P. 135-148.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Professor-aluno: As relações de poder**. Curitiba, HD Livros Editora, 1999. 270p.

SAUSSURE, Ferdinand De. **Curso de linguística geral**. 25. Ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 279 p.

SERRA, Carolina R. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil**: fala espontânea e leitura. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SIGNORINI, Inês. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. *In*: SIGNORINI, i. (Org.) **Investigando a relação oral / escrito e as teorias do letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001. P. 97-134. (Coleção idéias sobre linguagem)

VIANA, M.A. **Padrões entoacionais nos processos de continuidade e descontinuidade na fala**. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE: Mimeo, Recife, 1992.

_____. A. entoação em contextos hesitativos em interações temáticas, **Caderno Investigações**, v. 7, pp. 125-33, 1997.

VIEIRA, Cleyde H. Sobre as afasias: o doente e a doença. *In*: LIER-De-VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. (Orgs.) **Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem** – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 235 – 246.